

ASSIGNATURAS	
ANNO.....	20\$000
SEMESTRE.....	12\$000

Numero avulso, 500 rs.

OS ANNAES

Escriptorio e Officinas
25, RUA DE S. JOSÉ, 25
APPARECE A'S QUINTAS-FEIRAS

SEMANARIO DE LITTERATURA, ARTE, SCIENCIA E INDUSTRIA

SECRETARIO — WALFRIDO RIBEIRO

DIRECTOR — DOMINGOS OLYMPIO

GERENTE — J. GONZAGA

CHRONICA POLITICA

O ministro da Fazenda, fiel ao sagrado dever de zelar os dinheiros publicos, extorquidos ao paciente contribuinte por um regimen tributario com veneraveis raizes na finança colonial, incompativel com os costumes contemporaneos e as conquistas da economia politica, oppoz sensatos embargos aos excessos de despeza, ás prodigalidades, ao sentimentalismo intemperante do Congresso, os quaes se traduzem em verdadeiras e cruéis dentadas no orçamento, augmentando a chaga do deficit, nua chaga quasi secular que nós trouxemos da madre da metropole como um stygma hereditario, reproduzido em maiores proporções devastadoras no organismo do Imperio e mantido com progressiva virulencia durante os quinze annos de infancia da Republica.

O meigo ministro compareceu, como um enviado providencial das nossas secretas maguas financeiras, a uma reunião secreta da commissão de finanças da Camara dos deputados, para illuminar com as suas informações o estudo dos orçamentos que, conforme a inveterada praxe das prorrogações, é materia de alta transcendencia, adiada para os vexames e agônias dos estertores da sessão.

Apezar de ser clandestino o comicio da commissão, a reportagem bisbilhotou que foi o sr. Anisio de Abreu o primeiro a falar, fitando no sr. Leopoldo de Bulhões o olho geometrico, onde chispas de talento fulgem num indeciso clarão de permanente ironia. Entre um sorriso e os esgares de uma pitada, o representante do Piahy solicitou do ministro informações acerca dos recursos do Thezouro para defrontar a enorme despeza, emanada de varios projectos de consideravel accrescimo aos calculos da despeza ordinaria, sobre os quaes elle tem inexoravelmente posto a cautelosa pedra,

instrumento de obstrucção que passou a ser um maravilhoso aparelho do governo das nossas finanças.

A pergunta do sr. Anisio, o ministro respondeu com vastas considerações sobre a arrecadação das rendas, principalmente a de importação, que váe em auspicioso augmento em todas as alfandegas da Republica, promettendo para o futuro exercicio o tão almejado saldo, apezar das extraordinarias despezas com o exercito policial, com essas brigadas, irreverentemente denominadas guarda pretoriana ou um *maior de espadas*, sempre de promptidão para amansar as velleidades demagogicas do exercito.

Pelo grande respeito devido á ordem publica, ao socego da capital, ninguém ousou ponderar, naquelle conclave de financeiros, que esse exercito policial, augmentado pela suggestão dos acontecimentos de 14 de novembro, perdera a sua justificação, passára a ser uma inutil ostentação de força, desde que a confiança do governo no brioso exercito nacional se affirmou de maneira definitiva e foi consagrada a restauração da ordem pela amnistia.

Para a manutenção da paz, para a segurança dos cariócas, deveriam ser mais que sufficientes a guarda civica, os vigilantes nocturnos, que elles pagam do seu magro bolsinho e uns mil homens dessa brigada de policia militar, occupada, quasi exclusivamente, no extenuante trabalho de conducção de presos.

Mas ninguém objectou e o abutre policial continuará a roer o figado do orçamento.

O essencial, o que alegra os nossos corações de patriotas é que teremos um orçamento equilibrado, a receita e a despeza ajustadas como a mão e a luva, uma dentro da outra, sem uma excrescencia, com a perfeita adaptação da banana no envoltorio da casca.

Esse estupendo resultado foi conseguido a golpes de previsão e de cau-

tela, a golpes de tosquia no cordeiro immolado á realisação dos planos financeiros victoriosos, apezar dos melhoramentos materiaes, da brilhante execução do programma industrial do governo, dotando-nos com um porto digno desse nome, com uma avenida e com o saneamento da cidade, empreza humanitaria que não será jámais louvada assás pelos homens de coração.

Além da expansão das rendas aduaneiras, o governo conta, para mais rapidamente amortisar a dívida do fundo de garantia, com a renda dos territorios accrescidos pelo tratado de Petropolis, fique embóra o Estado do Amazonas reduzido a pão e laranjas, porque, dentro em pouco, toda a borracha exportada do Acre, do Purús, do Juruá, será materia tributavel do governo federal.

Para encurtar razões, a commissão se extasiou ante a perspectiva descortinada pelo ministro da Fazenda — rendas em augmento progressivo, grandes melhoramentos executados, restando ainda recursos para a construcção de tres couraçados, que serão mensageiros da paz, solidos pilares da futura triplice alliança que reunirá, num vinculo de affectos, de interesses, numa solidariedade fecunda, inabalavel, as tres grandes Republicas sul-americanas.

* * *

Quanto á sorte do contribuinte, as deliberações ficaram para o anno seguinte. Perdurarás o absurdo, o obsoleto, o monstruoso regimen de tarifas aduaneiras, que tem atravessado incolume um sem numero de commissões improficuas, muito empenhadas todas em manter os vicios anachronicos do systema e todos os defeitos do processo de arrecadação, tanto mais propicio á fraude quanto mais meticoloso e complicado.

A' expansiva prosperidade da renda, apezar de todas as despezas extraordinarias uteis ou inuteis, deveria corresponder uma equitativa diminuição

dos onus que opprimem os contribuintes.

Não se comprehende a obsecção dos nossos financeiros em manterem o decrepito regimen, contra as lições da historia, surdos ás indicações da sciencia, aos conselhos dos factos recentes, demonstrando victoriosamente que a diminuição das contribuições é um elementô de prosperidade, de augmento da renda.

Quando a nossa vista não alcançasse nas profundezas da historia, quando não pudesse apprehender o que se passa em outros paizes cultos, bastaria atravessar a bahia e contemplar, na ignorada Praia Grande, os estupendos resultados da politica financeira do sr. Nilo Peçanha, no breve periodo de dois annos.

Esses resultados fôram devidos á diminuição de importantes taxas e a um systema proteccionista, equitativamente applicado, para valorisar o producto da terra esterilizada pelos velhos processos rotineiros. Sendo de notar que o plano financeiro, corôado de rapido e brilhante exito foi uma iniciativa corajosa empreendida em quadra de miseria.

A situação de prosperidade que o ministro da Fazenda annuncia com sinceridade incontestavel, esse rosciclér de aurora da regeneração financeira que s. ex. descortina nas brumas de um futuro proximo, estão a calhar para uma refôrma de tarifas, de accôrdo com o antigo anhelô do fatigado contribuinte e moldada pelos interesses economicos, rara vez attendidos nessa importante materia, nesse ramo da administração, no qual se cultivam, se corrigem, se orientam as energias naturaes de uma nação, como o Brazil que tem tudo, menos homens de estatura correspondente á sua grandeza, aos seus recursos incomparaveis.

A occasião era mais que propicia para o sr. Leopoldo de Bulhões se não limitar a pagar devagar, regateando, a cobrar com rigor, a concertar um banco velho corroido de cupim e alguns regulamentos imprestaveis, errados desde as suas sublimes origens, nas entranhas da legislação. A occasião é de primor para que o ministro da Fazenda faça obra de um Huskisson, de um Robert Peel, de um Turgot, de um Landsdowne, homens que deixaram luminoso risco de beneme-

rencia, realisando prodigios de arrecadação de renda com a diminuição de taxas, com sabias refôrmas de tarifas.

Mas isso fica para as kalendas, subordinado ao estafante, ao esteril trabalho de uma commissão de interessados commerciantes, conhecedores dos habitos do commercio, das manlias do consumo, procurando cada qual proteger os artigos de sua especialidade.

E o contribuinte continuará a ser sobrecarregado com impostos inconsiderados, com impostos que ferem fuudo o proprio producto, inutilizando todas as vantagens, todas as esperanças do trabalho.

O governo deveria considerar que o contribuinte da renda federal é o mesmo infeliz submettido aos impostos municipaes e á ganancia feróz dos governos estadoaes, cujas sangrias bastariam para extenuar os mais vigorosos.

Temos o exemplo do Rio Grande do Norte, reduzido á mendicidade pelos excessos da sua olygarchia — uma familia que opprime, engorda e cresce sobre os destroços de um povo reduzido á incapacidade absoluta de pagar impostos.

Temos o tristissimo exemplo do Ceará, substituindo, em plena prosperidade financeira apregoada aos quatro ventos da publicidade pelos jograes do grão duque Accioly, os impostos de importação, pela contribuição de 3 % sobre todas as transacções mercantils dentro e fóra do territorio do Estado, provocando o patriotico movimento de resistencia do commercio honrado, sentindo as garras insaciaveis daquelle governo familiar lhe arrancarem coiro e cabelo.

Esse imposto inconstitucional, indecentissimo, que associa o governo estadual ao trabalho do productor; esse imposto, que dá ao governo um quinhão certo em todas as transacções, muito embóra ellas dêem lucro ou prejuizo, está sendo arrecadado de baraço e pregão, com violento sequestro da propriedade das victimas que tiveram, por instincto de propria defeza, a velleidade de recorrer á justiça local, uma das mais passivas peças do apparelho compressor ao serviço da olygarchia acciolyana, organizada em

voraz syndicato de negocios, de privilegios, de monopolios odiosos.

Como ha de o contribuinte cearense, assim jugulado, pagar os pezados impostos federaes pontualmente, honestamente, sem recorrer ás trapaças, ás fraudes semelhantes a essas recentemente descobertas na alfandega do Rio de Janeiro?

Que fez o governo em beneficio daquelles miseros commerciantes? Mandou de mimo ao velho Accioly um juiz que é uma corda maleavel, um juiz forca para asphyxiar na garganta das victimas os brados de direito.

E ainda devemos agradecer ao sr. Argollo não lhe haver dado metralhadoras

para ensinar aquella vil canalha de quantos páus se faz uma cangalha.

A perspectiva financeira, em quasi todos os Estados, é uma desconsoladora variante do quadro de miseria do Rio Grande do Norte, do funesto quadro de oppressão do Ceará.

* * *

Não seria destoante das excellentes qualidades conservadoras, ornamento do sr. Leopoldo de Bulhões, uma refôrma de allivio, que seria, ao mesmo tempo, um poderoso propulsor dos seus patrioticos planos de desenvolvimento da riqueza publica, libertada da *influenca mortifera* dos impostos.

O ministro ganharia em benemerencia muito mais do que perdeu com a sua olygarchiasinha nã opulento, no esquecido, no ignorado Goyaz.

POJUCAN.

PEDRO I E A IMPRENSA

EPISODIO DA HISTORIA PATRIA

Lendo alguns documentos officiaes da origem e formação da nossa nacionalidade, encontrei um caso interessante, que, nem por ser conhecido, deixa de merecer uma rememoração completa, com os detalhes e as minucias que o tornem caracteristico da epocha em que o facto historico se desenrolou. Foi em 1823. Proclamada a Independencia e reunida a Constituinte, em 3 de maio, (data conservada até hoje para a abertura do parlamento) Pedro I disse que « bem custoso lhe havia sido que o Brazil até então não gozasse de representação nacional»; mas, cinco mezes depois, dissolveu a Constituinte, apezar da Assem-

bléa liaver, no voto de graças, « *recohecido, com ternura, a generosidade e grandeza d'alma de sua magestade* », que desprezára « sentimentos acanhados e vistas curtas e interessadas ».

Pelos documentos officiaes, a dissolução da Constituinte do Imperio foi um caso de imprensa. O primeiro Imperador esperava que a Assembléa fizesse uma Constituição « digna de mim, digna de si e digna da nação ». A Assembléa estava tratando disso, quando, em 11 de novembro, o sr. Andrada Machado, alludindo a movimentos de tropas que « impediram os cidadãos pacíficos de dormirem e os puzeram em sobresalto », accrescentou que se premeditavam ataques a deputados, que Pedro I estava em palacio « rodeado de todos os corpos, até os de artilharia » e que conviua uma sessão permanente emquanto durassem as inquietações na capital, nomeada uma comissão especial para communicar-se com o governo.

Na vespera, o presidente levantára a sessão fóra de tempo, por ver que « um povo immenso, tendo invadido o recinto, fazia motim e perturbava os trabalhos ». O sr. Andrada Machado achava que o presidente « tivéra medo de mais ». O debate estabeleceu-se sobre a indicação para sessão permanente, applaudida em discurso do sr. Montezuma; mas o sr. Alencar, que ainda não sabia estar na *terra dos factos consummados*, avançou este vaticinio, formalmente desmentido pelos acontecimentos posteriores: « *Que fariam as provincias si a Assembléa fôsse dissolvida? Desmembravam-se, e o Imperio não seria mais Imperio e o Imperador deixava de ser Imperador!* »

Houve uma série de trocas de *amabilidades meigs pezadas* que as de hoje; mas o sr. Alencar reconheceu que o sr. Andrada Machado tambem era capaz « de sentimentos de virtude e de bom comportamento ». Naquelle tempo, o meio de esconder os desaforos proferidos era a seguinte nota: « *uão se euteude o tachygrapho Possidonio* ». Hoje, com os progressos da stenographia, entendem-se perfeitamente os tachygraphos, mas substitúe-se o que elles registram de mais desaforado pela declaração feita entre parenthesis: « *tumulto, sôam os tympaos*, etc ».

Felizmente, porém, quando o debate tomava esse character aggressivo, annunciou-se que « estava á porta um official militar com um officio do ministro do Imperio para ser entregue pessoalmente ao secretario Calmon ».

O officio era este:

« Illmo. exmo. sr. — De ordem de sua magestade o Imperador, levo ao conhecimento de v. ex., para fazer presente á Assembléa Geral Constituinte e Legislativa deste Imperio, que os officiaes da

guarnição desta Côrte vieram no dia de hontem representar submissamente a sua magestade imperial os insultos que téem soffrido no que diz respeito á sua honra em particular e mórmente sobre a falta do alto decôro que é devido á augusta pessoa do mesmo senhor, *sendo origem de tudo certos redactores de periodicos e seu incendiario partido*. Sua magestade imperial tendo-lhes respondido que a tropa é inteiramente passiva e que não deve ter influencia alguma nos negocios publicos, querendo, comtudo, evitar qualquer desordem que pudesse acontecer, deliberou e saiu com a mesma para fóra da cidade e se acha aquartelada no Campo de S. Christovão. Sua magestade o Imperador, *certificando primeiramente á Assembléa da subordinação da tropa, do respeito desta ás auctoridades constituidas* e da sua firme adhesão ao systema constitucional, espera que a mesma Assembléa haja de tomar em consideração este objecto, dando as providencias que tanto importam á tranquillidade publica. — Paço, 11 de novembro de 1823.— *Francisco Villela Barboza* ».

Para dar parecer sobre este officio, que transformava um caso de imprensa em *casus-belli*, foi nomeada uma comissão especial composta dos srs. Araujo Lima, Vergueiro, Brant Pontes, barão de Santo Amaro e Andrada e Silva. Neste momento, o secretario Galvão mandava prender e reter em custódia um cidadão das galerias « que proferira algumas palavras contra os deputados ». A comissão dos cinco saiu do recinto e entrou em discussão o art. 23 do projecto de Constituição, exactamente o que dizia: « *Os escriptos não são sujeitos á censura nem antes nem depois de impressos e ninguem é responsavel pelo que tiver escripto ou publicado, salvo nos casos e pelo modo que a lei apontar* ».

Nem de proposito! Mas, como as coisas estavam ruins, o deputado Paula e Mello achou mais prudente não se discutir o artigo e mandal-o á comissão respectiva, « para marcar os casos pelos quaes se fica responsavel em materia de liberdade de imprensa ». Este acto de prudencia foi mal recebido, o requerimento caiu e o art. 23 foi approvedo, adiando-se o art. 24, que dava *aos bispos o direito á censura dos escriptos sobre dogma e moral*. Mas, que havia de entrar em discussão logo depois? Um parecer sobre o caso de uma queixa « do cidadão David Pamplona, que estava á porta de sua botica do largo da Carioca, quando o major Lapa lhe den cipoadas pensando que elle era o *Brazileiro resolutos* » que assignava

artigos atrevidos », Discussão o parecer, disse o sr. Rodrigues de Carvalho « que os indignos periodicos da cidade e de outros pontos do Brazil eram a causa de todas as discordias ». E accrescentou: « Eu não leio *Sentinellas, Tamoyos* e outros que taes, porque delles só tiro afflicções e tormentos; antolho os males que taes escriptos vão semeando, e, como não posso extinguil-os, choro a minha nullidade e quero antes ignorar o que se escreve e de que não colho fructo algum do que irritar-me e offuscar o meu entendimento com prejuizo da minha razão ».

Respondou o sr. Carneiro da Cunha, alludindo a certo ataque feito ao auctor do jornal *Malagueta*; mas « nada se pôde colligir do tachygrapho sobre este discurso ». Deve ter havido muito desaforo, *para nada se colligir do tachygrapho*, que desta vez não se sabe si foi o Possidonio!

O dia estava, como se vê, destinado a ligar a imprensa aos grandes acontecimentos da epocha; ás tres horas da tarde, o debate sobre as cipoadas do pharmaceutico Pamplona, ficou adiado, por estar prompto o parecer da comissão especial sobre o caso do officio do ministro do Imperio, acima transcripto. O parecer foi approvedo e seguiu a resposta ao ministro, nestes termos:

« Illmo. exmo. sr. — Foi presente á Assembléa Geral Constituinte e Legislativa deste Imperio, o officio de v. ex., datado de hoje, em que de ordem de sua magestade. etc. Comquanto seja doloroso á Assembléa o acontecimento que deu logar á inquietação sentida pelo povo desta Capital, ella, todavia, não pôde deixar de louvar o acerto das medidas momentaneas tomadas pelo governo de sua magestade, fazendo sair para fóra da cidade a tropa, cujos movimentos produziã aquella inquietação. E não podendo a assembléa tomar em consideração este negocio por não lhe ser possivel conceituar cabalmente os motivos verdadeiros e especiaes que occasionaram aquelle extraordinario acontecimento, pela generalidade com que véem enunciados, ignorando-se quantos fôram os representantes, si todos os officiaes ou parte delles; quaes os insultos e sua natureza, quaes os redactores dos periodicos e folhas em que se acliã os mesmos insultos; qual, por fim, o partido incendiario e sua força e objecto: tem a mesma Assembléa resolvido que ao governo de sua magestade compete empregar na crise actual todos os meios que cabem em suas atribuições e propor á Assembléa as medidas

legislativas e extraordinarias que julgar necessarias, certo de que encontrará na representação nacional a mais franca e efficaz co-opeção.: declarando sessão permanente até que o governo de sua magestade lhe transmitta as informações especiaes acima indicadas e as proposições que houver de fazer-lhe. — Paço da Assembléa, em 11 de novembro 1823. — *Miguel Calmon du Pin e Almeida* ».

Sómente á 1 hora da noite, replicou o governo, em officio do mesmo ministro, e pelo qual Pedro I mandava dizer: que sentia infinito que a Assembléa desconhecesse a crise; que os periodicos eram o *Sentinella da Praia Grande* e o *Tamoyo*, attribuindo os militares aos deputados Andrada Machado, Ribeiro de Andrada e Andrada e Silva a influencia naquelle jornal e a redacção neste outro, « o que muito custava crer a sua magestade »; que a consequencia das doutrinas desses periodicos era crear partidos incendiarios, de que o governo não podia calcular a força que tinham ou que viriam a adquirir; que, quanto ás medidas a propor, Pedro I as julgava mais acertadas provindo da sabedoria e luzes do corpo legislativo.

Para commentar a replica, levantou-se o sr. Carneiro da Cunha, deputado, que disse: « Muito doloroso me é que o governo respondesse de semelhante fórma, tomando por pretexto dos movimentos das tropas, as publicações de dois periodicos. Porventura não tem havido em todos os tempos periodicos incendiarios? não se têm lido no *Diario do Governo* tantas doutrinas perturbadoras? e o governo pediu então algumas providencias? não atacavam essas doutrinas a todo o momento o corpo legislativo? não appareceu até uma carta totalmente subversiva do systema que a nação jurou e cujos principios se encaminhavam a produzir a anarchia? Ah! sr. presidente! As doutrinas eram incendiarias, menoscabavam o corpo legislativo e a dignidade desta Assembléa, mas o governo não se embarçou com isso; e, fallando-se aqui de tão indignos escriptos, respondeu-se que como havia liberdade de imprensa, era livre a cada um expôr a sua opinião e esta ser contrariada pelos que a não seguissem. Sr. presidente, fallemos, por uma vez, claro: este não é o motivo dos acontecimentos de que somos testemunhas; outros existem seguramente, e elles apparecerão ».

E tendo dito isto, o sr. Carneiro da Cunha mostrou desejo de « pedir demissão de deputado. » — *Não pôde!* exclamou o sr. Andrada Machado, crendo então a phrase-protesto, mais em voga hoje em dia. O sr. Andrada e Silva deu-se por suspeito, visto estar

indicado ou apontado por Pedro I como jornalista incendiario. Outro incendiario, o sr. Ribeiro de Andrada, aguardou oportunidade para fazer observações. O sr. Alencar, cansado e com somno, apartou: « Parece-me que pôde haver sessão permanente sem estarmos aqui pregados até que se termine um negocio tão complicado; nós necessariamente havemos de dormir e devemos retirar-nos porque o exige a natureza. » O sr. Montezuma opinou em sentido contrario: qual dormir! « Não demos um exemplo tão pouco digno dos representantes da Nação. Continuemos em sessão: si morrermos, acabamos desempenhando os nossos deveres! »

Ha ainda esta tirada do sr. Andrada e Silva: « E' para notar que quando se trata de partidos incendiarios, se falla sómente do *Tamoyo* e da *Sentinella da Praia Grande* e que nada se diga do *Correio* nem do *Diario do Governo*: acaso poderá o *Correio* incendiar e atacar como quizer? » Afinal, depois destes desabafos, mandou-se a réplica do governo á commissão e resolveu-se continuar em sessão permanente pela madrugada afóra. Foi então, com o parecer, que o debate se apaixonou: recouhcia a commissão ter havido excesso nos periodicos apontados pelo ministro e em outros (os governistas, naturalmente) convindo que se fizesse algumas restricções á liberdade de imprensa, adiada a discussão do projecto da Constituição, para se conseguir restabelecer o socego.

O sr. Andrada Machado, accusado de incendiario, fez então um violento discurso, dizendo: que o ministro avançou uma falsidade, a mais vergonhosa possivel; que « nunca tivéra influencia nos citados jornaes e que, por consequencia, o ministro mentiu na sua accusação baixa e indigna »; que agradecia ao governo tel-o escolhido para alvo dos seus tiros; que, com outros collegas, era accusado « de assassino e auctor de bernardas » justamente porque se manifestavam contra abusos e contra a escravidão; que a Assembléa estava coacta, « não podendo deliberar debaixo de punhaes de assassinos, rodeada pela força armada »; que não admittia restricções á liberdade de imprensa; que a falta de tranquillidade procedia da tropa e não do povo; que só se poderia deliberar mandando a tropa para mais longe, porque S. Christovão era perto!

O sr. Carneiro da Cunha, por sua vez, lembrou um alvitre, achando que mandar as tropas para longe era peor e que preferivel seria mandar-se a Assembléa para bem longe de tanto barulho, apezar do governo affirmar a subordinação das forças no Campo de S. Christovão. Terceiro alvitre, este do sr. Ribeiro de Andrada, cujo discurso os tachygraphos não puderam

escrever: « que sua magestade fizesse retirar os corpos do exercito seis leguas para fóra da capital, retirando-se a Assembléa para outra provincia si as tropas não se retirassem. » Esta proposta teve uma emenda do sr. Montezuma, que queria ver as tropas mais longe ainda, dizendo *dez leguas* em vez de seis.

Em meio de enorme balburdia, lembrou o sr. Vergueiro que se mandasse vir o ministro á presença da Assembléa. Foi isto approvado, expediu-se officio ao ministro, que, ás 11 horas da manhã de 12 de novembro, chegava á Camara, armado e fardado. Convidado a tirar a espada antes de entrar no recinto, disse o ministro: « Esta espada é para defender a minha patria e não para offender os membros desta augusta Assembléa. Portanto, posso entrar com ella. » E entrou mesmo!

O discurso do ministro do Imperio pôz os pontos nos ii. O *Tamoyo* estava insolente e ameaçava até a existencia physica e politica de Pedro I. O Imperador esperava que a Assembléa entendesse o seu officio sem precisar descer a particularidades; mas desde que o chamavam a explicar-se, dava as explicações: *era preciso cohibir-se immediatamente a liberdade de imprensa; e era preciso que fôsem expulsos da Assembléa os srs. Andradas como redactores do «Tamoyo» e colaboradores da «Sentinella».*

O ministro sujeitou-se depois a um interrogatorio, respondendo a todas as perguntas do presidente e de varios deputados sobre a prisão do francez Milliet como redactor do *Tamoyo*, sobre o cartuchame distribuido ás tropas, sobre as respostas que Pedro I deu aos officiaes que exigiam a expulsão dos deputados *Andradas*, julgando-a *inadmissivel*, etc.

Retirou-se o ministro do Imperio e houve proposta para chamar-se o ministro da Guerra, mas esta caíu. Foi justamente quando chegou á Camara a noticia de que a tropa marchava para a cidade:

— Daqui iremos para onde a força armada nos mandar!

— Requeiro que se mande uma deputação saber o que quer de nós a força armada!

— E' melhor esperar aqui e saber o que sua magestade manda!

— Sr. presidente! *O nosso logar e este.* Si sua magestade quer alguma coisa de nós, mande aqui, e a Assembléa deliberará!

— Si fôr possivel deliberar. Talvez nem isto nos permittam!

— O que me dá grande satisfação, disse o presidente, é ver a tranquillidade da Assembléa.

— Creio que não podemos deliberar estando cercados pela força armada!

Nisto, faz-se annunciar um official, que entrega ao secretario, o decreto

de dissolução da Assembléa Constituinte, por ter «perjurado ao tão solemne juramento que prestou á Nação de defender a integridade do Imperio, sua independencia e a minha dynastia.»

O secretario, lido o decreto, achou conveniente transmitir á Assembléa o recado de Pedro I: —a tropa estava alli para garantir os deputados contra qualquer insulto. O presidente declarou ao official que «podia assegurar ao Imperador que a Assembléa se dissolveria.» E Pedro I rectificou o decreto de dissolução, dizendo que «perjuros não eram todos os deputados, mas os de certa facção que dominava no Congresso e que anhelava vinganças, etc.»

Em 1829, passados quasi seis annos do decreto de dissolução, ainda Pedro I, na falla do throno, dizia que «o abuso da liberdade de imprensa, que infelizmente se tem propagado com notorio escandalo por todo o Imperio, reclama a mais séria attenção da Assembléa, sendo urgente reprimir que não póde deixar, em breve, de trazer após si resultados fataes.» Em 1830, repetia o Imperador o pedido de remedio para o abuso da liberdade de imprensa, mas sem acampar tropas em S. Christovão, sem exigir expulsão de deputados jornalistas e sem outra dissolução que não a dos costumes, da qual tiram alento e vida os excessos de linguagem dos periodicos de todas as terras e de todos os tempos.

AGENOR DE ROURE.

SCIENCIA E INDUSTRIA

O observatorio solar do Monte Wilson — A Carnegie Institution, a sua installação — O espectro heliographo.

O observatorio solar da *Carnegie Institution* é o mais novo e o mais perfeito dos Estados Unidos da America. Está collocado no cume do monte Wilson, ao sul da California, seis mil pés acima do nivel do mar, que fica cerca de trinta milhas distante, e na mesma proporção, das cidades Pesadena e Los Angeles.

Esse observatorio foi construido para o estudo especial do Sol e dos problemas da evolução estellar. Seus instrumentos, de uma delicadeza e de uma perfeição idéaes, são empregados em observações diarias e calculos incessantes do volume da radiação solar para verificar si soffrem alterações as quantidades de calor recebidos pela terra e, ao mesmo tempo, estudar a mysteriosa vida das estrellas e nebulosas. Dadas as condições favoraveis desse observatorio do monte Wilson e com o auxilio dos novos e maravilhosos instrumentos aperfeiçoados pela astronomia moderna, esperam-se notaveis progressos no conhecimento dos corpos celestes.

Todos os astrónomos reconhecem as inestimaveis vantagens do estudo das condições do Sol, a estrella mais visivel da Terra, estando mais afastada 300.000 vezes aquella que se lhe segue. Apenas um, dos vinte e dois grandes telescopios de refração, tem sido regularmente empregado nesse estudo, por causa dos defeitos inherentes aos velhos observatorios.

Após longas, escripturadas investigações sobre a conveniencia do sitio, verificou-se que o monte Wilson reunia condições de uma installação ideal. O seu cume guarnecido de arvoredo, evitando a radiação das encostas da montanha, a permanente atmosphera clara e calma, a raridade dos dias nevoentos ou tempestuosos eram condições de absoluta superioridade sobre os outros estabelecimentos congeneres, situados sobre elevações consideraveis. Essas considerações decidiram a *Carnegie Institution* a escolher aquelle sitio, com adequados recursos para manter observações durante dez annos, o prazo ordinario dos periodos das manchas solares.

Em alguns mezes, dois importantes telescopios foram montados no monte Wilson; construiu-se uma casa denominada Mosteiro, para a residencia permanente dos astrónomos, seus auxiliares e servidores; e fez-se larga provisão para o completo equipamento de um observatorio moderno.

Os dois grandes telescopios, agora empregados, differem muito na construcção e no seu destino. O maior, o telescópio Snow é muito diverso dos refractores ordinarios: consiste numa série de espelhos arrançados sobre uma série de pedestaes de granito e abrigado por uma cobertura de aço de duzentos pés de comprimento. Estaes de cordas de aço, fixadas em grandes massas de concreto, preservam a estrutura de ser abalada ou arrebatada pelos ventos do inverno. A ponte, onde termina a série de espelhos planos, fica sobre um declive da montanha, estando o seu eixo fócal a trinta e cinco pés do terreno. Dois espelhos planos recebem os raios do Sol e os reflectem, além de toda a extensão da cobertura, sobre dois grandes espelhos concavos, de dois pés de diametro cada um e de diferente tamanho fócal, os quaes focalisam os raios sobre quadros apropriados produzindo imagens do sol, de sete a dezete pollegadas de diametro.

Para o estudo dessas imagens, se emprega um instrumento chamado espectro-heliographo que permite examinal-as a uma luz de selecção e obter informações sobre a composição chimica do Sol. Um desses espelhos, de cinco pés de diametro, está sendo preparado e será, brevemente, montado conjuntamente com o mais perfeito e o maior reflector do mundo.

Outro instrumento importante, agora em actividade, é o telescópio photographico de Brnce, destinado especialmente a colher imagens de estrellas e nebulosas. Tem um curto fóco e vasto campo e com elle se téem obtido notaveis photographias da vasta nuvem de estrellas da *Via Lactea*, desenhando essa estupenda região em escala relativamente grande, e com precisas minucias. Esse telescópio foi terminado e montado no observatorio Yerkes, em 1904, e transferido, no fim do mesmo anno, para o monte Wilson, podendo da mais baixa latitude deste obter, em maiores proporções, imagens da *Via Lactea*, impossiveis de photographar da latitude daquelle observatorio do Estado do Wisconsin. A mais transparente atmosphera do monte Wilson permitirá photographar alguma das grandes nebulosas diffusas, obscurecidas pelo ar mais denso dos niveis inferiores.

O Mosteiro, contendo os escriptorios e accommodações do pessoal de astrónomos e ajudantes, é uma adaptação do antigo estylo Missões da architectura californiana, ás necessidades do seculo XX. Cada membro do pessoal tem um quarto de dormir e um pequeno escriptorio ou cella contigua. Uma grande sala, bem adornada, com um grande e artistico fogão central, serve para o trabalho em commun. tem uma bibliotheca e o lugar de recreio dos habitantes daquelle reducto scientifico. Dalli se descortina o bello panorama das montanhas proximas, das cidades Pesadena e Los Angeles, tendo o Oceano Pacifico no ultimo plano.

O transporte do material de construcção e de equipamento áquellas alturas foi difficilissima tarefa, numa travessia de quinze milhas de caminhos estreitos, tendo nove milhas intransitaveis para os vehiculos ordinarios. O material mais leve foi conduzido no costado de mulas, o mais pezado em um carro pittorescamente arranjado como um automovel de montanha, construido com quatro rodas pneumaticas de vinte e oito pollegadas de diametro a dois pés de distancia, tirado por um possante cavallo e conduzido por dois homeus. Este carro especial conduzia mil libras e levou ao cume da montanha trezentas toneladas de pezadissimo material.

Os mais experimentados astrónomos confiam seja o observatorio do monte Wilson, provido de perfectissimos aparelhos, um elemento de progresso nas investigações do centro do nosso systema planetario, descobrindo novos detalhes da constituição dos poderosos e inexgottaveis elementos de vida que elle encerra e distribue prodigamente aos astros seus tributarios.

Esses extraordinarios melhoramen-

tos scientificos são devidos á munificencia do millionario americano Andrew Carnegie, o grande phylantropo que tem consagrado as súas immensas riquezas ao bem da humanidade.

No numero anterior dos *Annaes*, iniciámos a publicação da notavel conferencia do sr. Manoel Bomfim, sobre o *ciúme*. Agóra, publicamos a ultima parte. Somos os primeiros a nos felicitar pela prioridade da divulgação desse trabalho, a que o seu auctor imprimiu toda a seriedade do seu espirito.

Notando a nossa iniciativa, o eminente jornalista do *Paiz* escreveu, a proposito da conferencia, o seguinte :

«A magnifica revista de Domingos Olympio e de Walfrido Ribeiro, os *Annaes*, começou no seu numero de hontem a publicação da conferencia do dr. Manoel Bomfim sobre o *Ciúme*. Essa conferencia ganha em ser lida, foi escripta para ser lida e é lendo-a que se pôde avaliar da competencia de seu auctor, um psychologo erudito e elegante, um prosador profundo e meditado, que estuda conscienciosamente os seus assumptos e achá sempre a fôrma original—paradoxal, si quizerem—pela qual os lia de encarar. Numa nota a essa conferencia, o dr. Manoel Bomfim respondeu a uma observação que o nosso collega do *Dia* fez á these que elle defendeu; e julgamos interessante reproduzir aqui essa resposta, para o que pedimos venia aos nossos illustres collegas dos *Annaes* :

O CIUME

ASPECTOS GERAES DO CIUME

*Conferencia realisada
no Instituto de Musica.*

Já vimos como se gera o ciúme: é a emoção de dôr, pela perda de qualquer coisa que nos é necessaria, e mais a emoção de colera contra a causa desta perda. Eis os elementos essenciaes no ciúme. E', pois, um sentimento composto, complexo, ao qual geralmente se vêem juntar outras representações, que mais o complicam. Como todo estado affectivo, elle tem o seu tom geral — o de uma dôr, queixosa, banhada em odio. E', em todo o vigor da qualificação, um sentimento máu. Spencer chamou-lhe de *negro, horrido, monstro de aspecto soturno, e olhar sombrio, obliquo*. Outros o têm como um sentimento morbido. E, agóra, que vamos aprofundar a analyse do complexo da emoção em si, faz-se necessario reconstituir e enumerar as varias afflicções e os transes que torturam o ciúmento.

Nenhum caso de ciúme é mais simples que o desse mr. Bergeret. Trata-se de um intellectual, que uma bôa philosophia tem preparado para crises taes. Vem-lhe a certeza da traição da esposa, e

o seu primeiro movimento foi simples e violento —

o de um animal feróz.. sêde de carnagem: quiz matar a esposa, matar o amante; em um só instante, porém, deixou de ser um instinctivo.

Contentou-se em inutilizar o manequim de vime da mulher, e repudial-a.

Na alma do ciúmento de Tolstoi :

o ciúme rugia como a féra no seu antro, prompta a lançar-se ao inimigo.

Pelas physionomias perpassam todos esses lances :

livido, labios crispados, desgrenhado, olhos agitados nas torturas da suspeita terebrante... punhaes e alfinetes n'alma.

Ha, na lyrica portugueza, umas paginas onde se reflectem, com accentos asquerosamente humanos, todo esse torvellinho de emoções odientas, e toda a sinistra riqueza de imagens do ciúme. E' o poema de Castilho — CIUMES DO BARDO.

Ahi nos diz o poeta o que soffre, e quanto soffre. Não só elle — todos, todos se queixam de uma dôr intensa, «dôr que não tem cura», uma angustia diffusa, uma dôr dilacerante de todo o sêr, expandindo-se em indagações anciosas, revoltantes, que mais degradam o infeliz, já decaído, aviltado com a victoria do rival. Vem dahi, nos casos mais brandos, essa melancolia aggressiva e amarga, peculiar aos ciúmentos; porque o ciúme, todos o sabem, apresenta varias intensidades, dependentes, principalmente, do character do individuo: desde a simples suspeita e má vontade contra o rival, até o terror, a estupidez inerte, on o desespero snicida, ou a furia de sangue e de vingança.

Em qualquer destes gráus, porém, o ciúme é sempre desagradabilissimo, porque tem um fundo de desconfiança, que é esse mal estar do espirito — a sua quêda para o desconhecido. A confiança é a ordem e o repouso, é a certeza de viver e de marchar para o bem, é a alegria calma, vivificante. Sem ella, tudo se resolve, para o espirito, em imaginações penosas. Nasce em Othelo a suspeita, a duvida, e a inquietação latente do monro desata num ciúme feróz, que injuria, e fêre, e mata. Uma palavra innocente, um gesto, uma inflexão de vóz, um sorriso perdido — tudo são provas, que a sua desconfiança recolhe, e somma, e repassa continuamente pela mente, até que esta desaba no verdadeiro delirio: «*Bodes e Macacos*», resmungá elle, falando a Ludovico, e tratando de coisas politicas. E' que naquelle momento mesmo lhe passam pela mente os *bodes* e os *macacos* a que se referira Iago, para dar-lhe a idéa da lascivia. Estas imaginações e idéas impõem-se porque o individuo sente uma necessidade obsedante de pensar no que per-

deu; revê o passado, e nelle se desenhiam, ampliados, todos os prazeres, todos os dons perdidos, denegrindo-se o agro-doce da saudade no rancor, na sêde de vingança. E como essas imagens dos bens perdidos se ampliam, a emoção do ciúme adquire uma força que, muitas vezes, não está em relação com o apreço real que se ligava á posse do objecto perdido. O ciúme tem, assim, uma tendencia a subordinar todas as forças affectivas do espirito. Por isso, as reacções, nesta emoção, além de mal apropriadas, e contraproducentes, são, geralmente, desproporcionados, o que lhes dá, aos olhos indifferentes, um aspecto muitas vezes grotesco, ridiculo.

Lembremos que foi preciso o ciúme para dissipar a cegueira de Orgon a respeito de Tartufo.

OS ESTADOS DE CONSCIENCIA NO CIUME

O ciúme, assumpto debatidissimo pela psychologia dos romancistas e dramaturgos, tem sido, por isso mesmo, abandonado pelos psychologistas de profissão. Trata-se de uma emoção complexa, e as proprias emoções simples ainda não estão sufficientemente observadas e analysadas.

O ciúme é um sentimento composto, dos que Ribot chama de «*compostos* por mistura de elementos hecterogeneos». Alguns psychologos ingenuos o consideram um sentimento primitivo, porque se encontra já nas creanças e nos animaes. Basta uma ligeira analyse para mostrar que o ciúme é, effectivamente, uma emoção composta, onde entram geralmente quatro elementos: a representação do bem possuido ou desejado, e que actúa como attracção ou excitação; a idéa da perda — elemento de depressão; a idéa da causa da perda — o rival, a complicitade do amante, e que vem agir como elemento de colera e aggressão; a idéa da inferioridade propria — elemento de piedade. Uma emoção tão complexa não pôde ter, nem tem, effectivamente, uma eclosão subita e immediata; apresenta, sempre, varias phases, estados de consciencias mutaveis, segundo o tom affectivo de cada uma das emoções componentes. O primeiro movimento d'alma, é o de medo, ou receio, de perder o objecto possuido; segue-se a colera, e vem logo a piedade do individuo por si mesmo. Esses tres *tous* se encontram em todo ciúme, cujo desfecho, cuja reacção final, depende da natureza da emoção elementar predominante, e tambem: das outras emoções subsidiarias, e das outras representações mentaes que se vêem juntar ás primitiva. No homem intelligente, de experiencia esclarecida, o ciúme se complica muito mais. A idéa da causa e a emoção *colera* se referem, não só ao rival, como ao proprio objecto amado—si é uma pessôa,

porque o ciúmento sabe que essa perda não se daria, si a pessoa amada não acquiescesse, não preferisse o rival. Nestas condições, elle sente desenvolver-se em si colera, rancor, e odio, contra essa mesma pessoa, por quem continúa a sentir a primitiva necessidade de posse. Estes dois estados affectivos contrapõem-se; mas, em vez de annullar-se, subsistem na consciencia, produzindo um contraste doloroso, dilacerante, iusupportavel, uma agitação, que acaba desorganizando toda vida affectiva e moral. Em torno desta idéa fixa—o bem perdido, agita-se um turbilhão de imaginações, lembranças e sentimentos, segundo os temperamentos, segundo a riqueza e a força da intelligencia. Sobrevêm emoções oppressivas e rapidas—surpresa, terror; emoções oppressivas e longas—repugnancia, anciedade, desillusão, angustia, desespero, pezar, máu-humor, mortificação, piedade, humilhação; outras, exaltivas e instantaneas—colera, furia; outras, exaltivas e duraveis—desejo, rancor, odio, vingança, vaidade...

Por isso mesmo, o ciúme não tem nenhum signal exterior, exclusivo seu; elle se exprime justamente pelo gestos e inflexões peculiares a cada uma destas emoções primarias.

Dada essa complexidade, não admira que, assim, cada ciúme seja um drama sentimental especial. Abre a scena uma subita e violenta inquietação. Jacques, do romance de Paul Marguerite, ao ler a carta em que a esposa lhe faz a revelação terrivel, murmura para si:

«Ella quer experimentar-me; que horrivel brincadeira!» E tremia. A medida que proseguia na leitura, a vertigem lhe fazia redemonhiar a cabeça; sentia-se balançar no vasio, e cair como que num sonho.

O heróe do ultimo romance de Paul Brulat, ao dar pela falta da mulher, sentiu:

um calefrio de inquietação... e poz-se a tremer...

Na *Sonata a Kreutzer*, o marido ao ter a prova decisiva da infidelidade da esposa, vê

...o coração parar de subito, e depois começar a bater como um martello.

E vem a duvida, e uma agitação angustiosa, que degenera numa verdadeira confusão—o espirito é um calos:

...Uma barafunda de idéas e sensações...

registra Machado de Assis; e, continuando a rememorar, diz o seu personagem, já citado:

O que scismei foi tão obscuro e confuso que não me deixou tomar pé.

A emoção transborda e opprime:

Eu era como uma garrafa en-

tornada, cuja agua não cõe porque ella está muito cheia. Era preciso alliviar-me.

Sentia uma grande necessidade de agir—diz um outro.

Quando a mente clareia um pouco, é para entregar-se á furia da imaginação, gravitando em torno da idéa capital—o bem perdido. A' heroína de *L'Aveu*, de Henri Greville, passado o primeiro choque, ficam-lhe:

...Os ouvidos a tinir; todas as velhas lembranças se precipitam como uma cohorte de vampiros...

Um outro personagem de Bourget, analysando o seu ciúme, nos conta:

Na luz dos horisontes, quantas imagens se evocam, umas, representando a graça daquella que nos deixou; uma outra, a mais doce das suas caricias, um gesto seu quando nos caía nas braços, como cabellos esparcos na fronte, o olhar banhado em melancolia, nos momentos divinaes;—e, logo, associando-se á idéa do rival abominado, em lembranças que se prendem ás cordas mais vivas do nosso ser, estrangula-nos uma dôr, contra a qual não ha allivio...

Noutros:

...a imaginação traz as imagens mais cynicas, dolorosas e revoltantes, imagens que não se pôdem evitar.

A imaginação como que se perverte, deformando, denegrindo tudo que a memoria resurge:

Voltavam todas as imagens—a mulher, o amigo, physionomias doces, banhadas de bondade e de candura, e que, pouco a pouco, se deformavam e se tornavam monstros...horriveis caricaturas...era a sua vida que lhe apparecia. achava-se debruçado sobre o seu passado—como sobre uma agua transparente e clara, onde ía sempre matar a sede, e na qual percebe de repente um sapo.

Essa perversão da imaginação propaga-se logo ás funcções da logica e do pensamento; o individuo passa, agóra, a interpretar perversamente todos esses detalhes e factos insignificantes que vêem á lembrança; incidentes sem importancia são augmentados, desfigurados, e tidos como provas evidentes. O espirito se exalta, perde toda a lucidez, e, enleiado nessa logica delirante, não tarda voltar atraz; entra de novo na duvida, discute consigo mesmo...E toda esta agitação lhe deixa, como um residuo no espirito, a consciencia da propria decadencia—a inferioridade de sentir-se suplantado. Vém-lhe, então, uma grande compaixão por si mesmo. Todos os romancistas o registram:

Jacques tomou de novo a carta, quiz lê-la, e invadiu-o uma tal piedade por si mesmo que nem pôde seguir as lettras através do véo de lagrimas que lhe banhavam os olhos...

Mr. Bergeret, passado o impeto instinctivo:

Entrou na sua dôr, envolveu-se nella. Tomou-se, como um doente, de uma grande piedade por si mesmo, e expulsava as imagens penosas.

O proprio Pozduchev, sanguinario e odiento, confessa:

Tomei-me de uma immensa piedade por mim mesmo—as lagrimas saltaram...

Essa piedade é o segundo aspecto da dôr definitiva em que elles se vêem afundados. Em todos, essa mesma exclamação se repete: *Como soffro!*...

Terebrante, lancinante nuns; surda, oppressiva, noutros, segundo o predominio das emoções exaltativas ou das depressivas—a dôr é, em todos elles, egualmente intoleravel:

Soffro mais que tudo que os labios pedem dizer.

lamenta-se um;

Quero morrer! Prefiro morrer!

repete outro.

E' que elles acreditam ter entrado para morte, com a perda de um bem que lhes parecia essencial á vida. Esta dôr definitiva é que levanta a voz de Othelo quando se despede da vida:

Ainda quando ella se tivesse entregado a todos os meus soldados, e que eu de nada soubesse—seria feliz. Mas, agóra? Adeus, repouso de minha alma! Adeus, exercitos e pavilhões ao vento! Adeus, grandes guerras, que fazem da ambição uma virtude! Adeus, para sempre!... Adeus, corcéis nitriundo, faufarras e clarins gritando ao onvido, tamboresque accendem a coragem! Adeus, armas, e pompas, e orgulho, e fulgor das guerras gloriosas!... Adeus! Adeus!... Othelo acabou!

E vem a reacção final, onde tudo é lugubre e triste, quando não é ridiculo ou repugnante. Feliz o ciúme que se termina inoffensivo, quasi comico, qual o de mr. Bergeret:

Agóra aquella coisa sem cabeça (o manequim da vime da mulher) lhe pareceu a propria mme. Bergeret. Atirou-se a ella, enlaçon-a, fez estalar sob os dedos como as cartilagens das costellas, os cipós do busto, pisou aos pés, arrastou-o gemebundo e mutilado, e atirou-o pela janella no pateo do tonelleiro Lenfant.

EFFECTO DO CIUME SOBRE O CHARACTER

Tudo isto que repassamos em analyse, e o que sabemos da vida real, já nos diz o bastante para comprehendermos que o ciúme — essa tempestade dos sentimentos — não poderia passar por uma alma sem diminuil-a moralmente, sem perturbar e peiorar o character. Não se contam os crimes, as perversidades, as vinganças cruentas ou torpes, dictadas pelo ciúme. Impondo-se ao espirito, elle afoga a intelligencia, tira a lucidez moral, subverte toda a vida affectiva, faz do individuo um impulsivo, dominado por uma idéa obsedante. Certos ciúmes se traduzem por um verdadeiro furor maníaco, uma quêda de tom para a grosseria, que espanta. A sêde de vingança gera um odio intemperante, minaz ou violento, que não olha a considerações humanas. Ha prazer na vingança, prazer em ver soffrer. Em muitos casos, o ciúmento não se contenta apenas com o afastar ou destruir o rival, — *quer pagar-lhe na mesma moêda*, como nos diz Iago. E a vingança é insaciavel, e o odio crescente; porque, vingando-se, mais se afasta o individuo da posse desejada, concorrendo elle proprio para tornar a perda definitiva. Sente-se desprezado, desprezível, e paga em odio e rancor os sentimentos que inspira. Não se pêjam mesmo de confessional-o.

Quando cada cabello da sua cabeça tivesse uma vida, a minha vingança teria forças para destruil-os todos.

O bardo de Castilho, leva os seus ultrages á generalidade das mulheres, e a todas estende a sua furia vingativa:

Mulher pura e fiel não ha, nem houve;
.....
Podesse uma só náu contel-as todas,
E o piloto fôsse eu...

A covardia, uns restos de respeitos sociaes, pôdem deter o individuo; mas, na alma os máus projectos fervilham. E' o marido enganado de Capitú quem nos diz:

Quando, nem a mãe nem o filho estavam commigo, o meu desespero era grande, e eu jurava matal-os a ambos, ora de vagar, para dividir pelo tempo da morte, todos os minutos da vida embaraçada e agoniada.

E' este mesmo que, finalmente, tenta envenenar uma creança innocente, que o trata por pae. Tudo revela uma grande seccura de coração. E' de si, apenas, que o ciúmento tem piedade. Fechado no seu egoismo impermeavel, elle se julga com o direito de pedir o desprezo dos homens e o castigo dos céos para aquelles que se negam ao seu dominio e usufructo. Nas rimas de um poeta, o ciúme deprime, avilta, injuria cruelmente a mulher possuida, sómente porque:

...um dia acordei... E mal desperto,
Olhei em torno de mim... Tudo deserto...

A mulher, hontem *amada com delirio* — seu *canto de poesia*, sua *estrella* e seu *lyrio* — é, agóra: *Marco sem brio, lodo vil*; o seu *leito*, o seu *osculo*, são *immundos*. o seu futuro é:

... a morte, a lampada sombria pendente do bordel...

A suspeita, as offensas, a diffamação, que se projectam das suas accusações injuriosas, deixam-no indifferente; o martyrio das pobres victimas sobre quem recáe o ciúme, os esforços para destruir as prevenções, mais exasperam essas almas, que sentem em si ninhos de viboras e têm gosto em dispersal-os por todos quanto os rodeiam. Um amigo que procure dissipar as idéas negras do ciúmento, e trazel-o a melhores sentimentos, é um *cumplice do culpado*, um novo rival. Dois ciúmes encontram-se, combinam-se, excitam-se, e explodem numa furia de vingança, que os corações em calma não comprehendem:

Quero sangue, brame a heroína de Musset, tenho uma ancia mais forte que a do abutre excitado pela vista de um cadaver. Elle está lá, dizes tu? Corre, pois, e degola-o, arrasta-o pelos pés até aqui! Torce-lhe o coração, para que se não escape. Retallia-o, e traze-me os pedaços: fulminem-me os céos, si eu não te pago cada ferida com um beijo.

Por vezes, passada a crise, é o proprio ciúmento que se horrorisa do seu crime. Tal nos apresenta Racine a repulsa final de Hermione, deante do assassinio de Pyrrro:

Vingáe-me. . Correi ao templo, immoláe-o!

— Quem?

— Pyrrro.

— Voltáe todo coberto de sangue do infiel, e estejaes certo do meu coração.

.....
— Senhiora!. O infiel acaba de expirar.

— Morto!.. Cala-te perfido.. Váe, renego-te!. Devias, acaso, crer numa amante iusensata?!...

Ouçam esse factó, verídico, e que foi relatado a um dos uossos mais amados poetas, por um descendente illustre do protogonista, e terão idéa do gráu de fereza e insensibilidade a que pôde chegar uma pessoa mordida pelo ciúme.

E' em Minas, nos tempos em que os grandes senhores, e fidalgos colonos, faziam explorar o ouro e o diamante pelos rebanhos de escravos, de que dispunham como de coisa possuida. A' tarde, da varanda da casa apalacetada, o senhor e a mulher vêem chegar os

bandos de escravos; num dos ranchos vem uma mulatinha, inconsciente da propria miseria, sorrindo e tagarelhando. Distraído, no enfado daquella existencia ociosa, o marido repara:

-- Que bellos dentes tem aquella rapariga!

— Quem? acode a vóz aspera da esposa.

— Aquella que váe entrando, e aponta. Nisto, a mulher levanta-se.

— Váes lá dentro, manda-me um copo d'agua.

A agua demora, e o senhor enfatiado já se prepara para entrar, quando apparece a mulatinha com a agua pedida. Elle não a reconheceu, porque um véo de dôr encobre o rosto da infeliz; e váe para apanhar o copo, quando vê, no fundo da salva, empastados na baba sanguinolenta, todos os dentes da innocente, que a megera fizera arrancar a torquez, num impeto de ciúme.

O CIUME CHRONICO — O CIUMENTO

Até aqui temos estudado o ciúme-episodio—uma crise affectiva, esporádica, irrompendo numa alma sã, normal, ferindo-a, perturbando-a transitoriamente. Ha ciúmes assim; ha pessoas que fôram ciúmentas uma vez: soffreram, gemeram, curaram-se, ou morreram. Ha outras cujo ciúme é chronico, dissemos ao começar. E os desta fórma são, infelizmente, os mais frequentes. Trata-se de um typo de character, resultante do exaggero de certas tendencias naturaes. Esse exaggero é tal, ás vezes, que o ciúmento sáe do quadro dos caracteres normaes: é um desequilibrado, um doente.

O ciúme não passa, então, de um véo transparente, sob o qual se mostra um espirito deformado, votado ao exclusivismo de um sentimento máu. Fóra de qualquer crise, antes de qualquer *motivo real*, o ciúmento se revela. O seu character se tráe nas menores acções, nas phrases mais banaes, como se tráe o character do irreflectido, do obstinado, do sensual. O desregramento da imaginação, a ausencia de senso critico, um exaggerado egoismo, e uma inconsciente percepção da propria inferioridade, fazem desses individuos — ambiciosos, fracos e impulsivos, suspeitosos e ciúmentos, em todos os lances da vida. Quando vêem a amar, é para caír no ciúme perpetuo.

Para taes creaturas, o amor é a fonte de todas as amarguras, porque, não sendo *razoaveis*, são incapazes de fixar-se na certeza — da constancia, ou da infidelidade do amante. Têm sempre necessidade da evidencia; pedem sempre evidencias e provas, e não ha provas e evidencias que os tirem da ancia e da incerteza. Toda a actividade intellectual é subordinada a essa exigencia do character; o indivi-

duo é uma machina, cuja móla é o ciúme. Os factos mais communs e indifferentes adquirem, para elles, significação capital, e se crystallisam em *indícios vehementes*; o pensamento só trabalha architectando os *nadas* da vida diaria: gestos corriqueiros, sorrisos e gentilezas futeis, phrases banaes e palavras mal ouvidas — architectando-os, e explicando os mais inverosímeis e monstruosos ciúmes. A idéação desvairada, abandonada pelo discernimento, leva-lhes o senso moral a aberrações inconcebíveis.

São sensitivos e egoistas, nimiamente egoistas, e, por isso mesmo, de uma emotividade irritadiça e insaciavel, sempre em decepções, sempre rancorosos, mal-humorados, susceptíveis e vaidosos. Banha-lhes o espirito uma má fé, instinctiva e inveterada, traduzindo-se numa anciedade vaga e suspeitosa, numa malevolencia implacavel. Invejosos, absorventes e zelosos, todos os affectos se resolvem para elles em torturas, que mais lhes pervertem os corações inquietos e mal inspirados. Ha, na sua sensibilidade moral, excessos e contradicções doentias; testemunham viva affeição áquelles mesmos a quem, sem hesitação e sem remorso, levantam as mais torpes accusações. Desconfiados e credulos — incoherentes mentalmente e affectivamente, martyrisam as pessoas a quem pretendem amar, e criam, e alimentam em torno de si uma hostilidade permanente; irritam e indis põem a todos, pelo máu humor incessante, pela amargura aggressiva e encarniçada, da qual resulta uma perversidade incansavel.

Em grande numero de casos, a susceptibilidade do ciúmento toma o aspecto de orgulho; mas é um orgulho inferior — dos que não confiam em si, orgulho inconsistente e contradictorio, fertil em queixumes. São sempre *victimas*, esquecidos das verdadeiras victimas — que são todos aquelles que os rodeiam, e a quem a maledicencia e as suspeitas do ciúmento não poupam. E essas queixas mais se exasperam porque raramente conseguem commover. Tinge-as um tom geral de egoismo e perfidia, que mata qualquer compaixão. Ha um verdadeiro exhibitionismo de fraquezas, denunciando um estado d'alma de quem já não tem a sensação do ridiculo.

Nas fórmulas extremas, esse exaggero de character bem merece o nome de doença — é a doença do odio, entretido por uma imaginação desvairada: são maridos que se irritam e soffrem si vêem a mulher sorrir; são mulheres que cercam o marido, e não o deixam, e a todas as outras ultrajam — porque «todas as outras só se occupam delle, só pensam em rouba-lo». São *impulsivos* e *impulsivas*, mordidos por esta obsessão — a perda do objecto

ou pessoa que julgam necessaria á sua felicidade. Ballet (1) accentúa que: «Ha loucos, cuja loucura se tradúz quasi que exclusivamente por idéas de ciúme, relativamente ao marido, a quem accusam, a todo proposito, de infidelidades inverosímeis, materialmente impossiveis. » E continúa referindo uma observação, sobre a qual não quero insistir.

É tão commum essa exaggero morbido no character do ciúmento, que a psychiatria já disto se tem occupado, como de qualquer um dos outros delirios. Em 89, Dorez escreveu a sua *these* sobre — *O ciúme doentio*; no seu pequeno opusculo, de 1901, sobre *La gelosia in Sicilia*, o professor dr. G. Ziino, da Universidade de Messina, cita 44 casos de delirio do ciúme, casos de observação propria, ou verificado por auctoridades, como Esquirol, Ellis, Morel, Lombroso, Scarenzio, Girolami, Koster, Tamburini, Blanche, Ludwig, Kraepelin, Brucia, Krafft-Ebing.

Estes ciúmentos exaggerados são typos paranoicos, degenerados, cujo desequilibrio psychico participa, ao mesmo tempo, da loucura moral e do delirio racionante, com a fórmula dos *perseguidos-perseguidores*. Nelles se encontram aquellas mesmas interpretações falsas e delirantes, a mesma ausencia de senso moral, aquelle mesmo excessivo e incontrastavel egoismo.

— Então? Todo ciúmento é um louco?!

— Não, por certo; mas, é incontestavel que esses ciúmentos enraizados, ciúmentos *quand même*, estão na zona fronteira da loucura; e que os casos extremos são de verdadeiros alienados. Assim como os outros delirantes percebem o que não existe, o ciúmento sente o que não ha — sente sem causa. Um sorriso do transeunte desconhecido é, para o *perseguido*, o signal de que o desprezam e delle motejam; um volver d'olhos é, para o ciúmento, a *prova evidente* de que o tráem, ou que lhe requestram a pessoa amada. Esta idéa, que, no individuo são, seria immediatamente e naturalmente suffocada, e não passaria de um pensamento frusto, — tal idéa, por mais absurda, implanta-se no cerebro do ciúmento, e é logo uma convicção.

Este ciúme chronico, constitucional, por ser a propria expressão de uma fórmula de character, é mais commum na mulher do que o homem. Mergulhado por inteiro na vida, solicitado por mil cuidados, desdobrando a sua actividade em diversos sentidos, o homem, cujo character apresenta esse gráu de exaggero paranoico, pôde propender para outras preoccupações, e, em vez de ser um «paranoico ciúmento», será um paranoico inventivo, ou politico, ou litterato. E é isto o que succede geralmente. A mulher,

porém, propenderá sempre para o ciúme, porque a sua existencia é quasi que exclusivamente affectiva, e o amor é, sempre, a sua preocupação dominante.

Por isso, é tal a força desta exigencia doentia do character que, chegadas a uma certa altura da vida, aposentados para o amor, ainda não deixam de ser ciúmentas — são ciúmentas pelas filhas e pelas netas; e estabelecem em torno dos genros aquelle assedio feróz e encarniçado, aquelle mesmo zelo mortificante com que torturavam o marido valido.

Infelizes ciúmentos!

Quando accentuamos a natureza inhospita desses corações, não é para condemnal-os, mas para lastimal-os. Pobres almas curtidas em fél, transidas num perpetuo medo de perder o que julgam essencial á propria existencia, perseguidas pela visão perenne de traições e infidelidades! O menos doloroso no seu martyrio progressivo, é estarem condemnadas a não poder amar. O ciúme absorve-as, consume-lhes todas as energias, afoga-as, sepulta-as, como uma barreira que as isola dos outros viventes.

* * *

Um moralista fecharia a sua conferencia exortando os corações e concitando as almas para fugirem do ciúme; traria os seus conselhos, e dictaria preceitos efficazes, formulando-os com a segurança do medico, ao receitar as drogas que não nos curam as dyspepsias, nem as enchaquecas. Eu prefiro ficar com Montaigne:

Dar conselhos ás mulheres para desgosta-las do ciúme seria tempo perdido; são, por essencia, tão propensas á suspeita, á vaidade e á curiosidade que não devemos esperar cural-as pelos meios naturaes.

Para sermos justos, applicuemos tambem aos homens os conceitos do velho philosopho.

As receitas e os conselhos contra o ciúme não faltam — já são classicos: a suspeita, ou a explosão do ciúme, diz a moral preventiva, traz muitas vezes a attenção do suspeito para o peccado; o amante, até então fiel, si é victima de uma injusta accusação, vê que a virtude de nada lhe serve, e reflectirá, de si para si, que — *fama sem proveito*. E, agóra, recresce o ciúme no traído, dobram as queixas, as recriminações, as objurgatorias; o outro perde toda a compostura, como a creança batida e escurraçada, a quem se repete continuamente: «Tu não prestas, nunca prestarás!» E acaba accetando juizo, conformando-se com elle, fazendo tudo para corresponder á opinião que delle se tem. Evite-se, pois, o ciúme, que é sempre contraproducente.

Não envenenemos a vida, já tão envenenada, com o ciúme: « Os peiores males, commenta um desses doutores em moral, são simples castigos, si os comparamos aos que o ciúme causa aos maridos. »

Outros insistem para que os jovens tratem de conhecer-se bem, e bem, num longo noivado, antes de prender-se ao casamento, que o temperamento ciumento de um delles pôde transformar num martyrio. Ingenuos moralistas!. Não se lembram de como é doce a lisonja ao coração humano, e por isso não sabem que os noivados são, geralmente, tirocinios preparatorios, verdadeiros noviciados para o ciúme. A cada momento armam-se scenas de ciúmes — arrufos, queixas e accusações reciprocas, que os futuros nubentes reconhecem, intimamente, infundadas, mas que elles levantam ou provocam para alimentar a vaidade — um ao outro. E cada um se sente orgulhoso de ver-se objecto de ciúmes. — Amanhã, quando fôr ciúme devéras, tu, marido ou mulher, váes então conhecer-lhe o verdadeiro gosto!.

Ha ainda quem lembre que o ciúme afeia, mostra as rugas da face, e tira a seducção ao olhar. Eis uma consideração que deve refreiar muitos ciúmes.

Tolstoi affirma que a musica de Bethoven suspende o ciúme; ha fêras, ás quaes a simples melodia doma e ameiga; é natural que a symphonia bethoveniana tenha poder sobre o ciúme. Ensaem, pois, o effeito da musica.

De qualquer modo, valham ou não valham os conselhos, lamentemos, mas não condemneemos os tristes heróes do ciúme. São infelizes e victimas — victimas á custa das quaes se vem fazendo essa longa evolução da humanidade para uma fórmula de amor cada vez mais perfeita. A natureza tem desses processos — aproveita o mal para o bem. Desenvolve o instincto de propriedade, para que o homem queira produzir, e possa produzir, tanto e tanto, que amanhã não precise mais isolar o *meu do teu*, e venha distribuir-se, por todos, tudo o que na Terra se produz, na medida das necessidades de cada um, e que a terra seja uma propriedade commum; desperta o ciúme, para fazer-nos aspirar por essas uniões de mutua renuncia, onde o amor se apura e se fortalece, e se apurará e se fortalecerá, até alcançarmos a fórmula de affectos sem restricções e sem reservas, éra de amor absoluto, dias em que será um goso viver, principalmente porque não haverá mais ciúme.

MANOEL BOMFIM.

(1) Ballet — *Traité de Pathologie mental*, 1903, pag. 268.

ARMADA NACIONAL

A falta de preparo do pessoal. — As publicações de officiaes da armada. — As escolas de aprendizes. — O favoritismo.

A espera de vaga como segundo-tenente, durante 6 e 7 annos, numa marinha como esta, em que o governo abandona o official á injustiça e á ignorancia e os chefes e commandantes são o que eram os nossos em geral, anniquilla todas as aspirações, mata toda a energia. E' necessario que haja um certo equilibrio, faz-se mistér que a conquista do futuro, dos altos postos, corresponda ao esforço desenvolvido para realisal-a, afim de que nos não falleça o estimulo. Essa conquista, facil, não exige energias para que seja feita; difficil de mais, quebram-se essas energias.

A maioria dos homens busca uma profissão de accordo com o seu idéal; se essa profissão, pelo seu exercicio brilhante, nos faculta recompensa na idade em que o lado pratico da vida começa a nos avassalar o espirito, o nosso idéal subsiste e o amor á profissão eleita; se a nega, abandona-nos o idéal; se a prodigalisa, o idéal transmuda-se, nos apparece mais mesquinho do que o suppunhamos, sobretudo se somos vaidosos e se nos capacitamos de que a prodigalidade não foi mais que preito ao nosso merito.

Os nossos officiaes antigos, os que vieram jovens ainda da guerra do Paraguay, padeciam do ultimo mal. Aos outros, aos modernos, atacava o primeiro; juute-se a elle a desillusão de sonharem um meio de elevação intellectual e moral e encontrarem só baixeza e facilmente deduzir-se-á o que lhes aconteceu.

Para que se applicarem?

Já alguém disse que o official de marinha moderno que deixar de estudar um só mez, atraza-se por dois: pelo que não estudou e pelo que a arte da guerra naval progrediu nesse mez. Calcule-se agóra que elles deixaram de estudar, não um mez, não um anno, mas muitos annos, e poderemos avaliar da sua proficiencia em 1889; e as provas de sua nullidade, as mostraremos quando estudarmos a marinha da Republica, quando esses officiaes modernos de então, fôrem os nossos officiaes superiores. Não podemos effectivamente encontrar muitos factos que comprovem, já naquella epocha, a sua incompetencia: suas funcções, então, não eram de molde a deixar patente a sua ignorancia ou seu saber; simples officiaes de quarto, o mais que se poderia avançar era que em viagem manobraram bem quando esta era a vela, ou que conheciam navegação, calculavam bem. Mas, justamente de todas as materias que constituem o saber de um official

da armada são essas duas, hoje, as mais faceis; veremos para deante que mesmo nessas não se revelavam peritos.

Talvez pelas publicações feitas se possa formar um juizo a respeito; mas esse não será dos mais favoraveis. A *Revista Maritima* daquella epocha nada deixava transparecer do preparo dos nossos officiaes: traducções e extractos de revistas ou publicações estrangeiras, um ou outro relatório de alguma grande viagem, publicação parcellada de qualquer roteiro, tal é o que em maior escala nella se encontra.

Um trabalho sobre novos methodos de navegação do então capitão-tenente Barcellar Pinto Guedes é um resumo-copia pessimamente feito da obra de Ledieu, *Les nouvelles méthodes de navigation*. Um outro trabalho do então primeiro-tenente Pereira e Souza é tudo quanto de mais confuso existe sobre aquelle mesmo assumpto. Dois livros sobre torpedos, um de Victor Candido Barreto, official intelligente e preparado, mas que não tinha onde praticar sobre o assumpto, e outro de Campos da Paz, são livros, embóra de alguma utilidade, muito defficientes e incompletos. Um celeberrimo tratado pratico de navegação, de Albuquerque Lima, guia muito mal elaborado de calculos nauticos, demonstra tanto saber quanto a organização de uma tabella de cambio pôde demonstrar conhecimentos financeiros. Um compendio de balistica externa de Barbosa de Oliveira, bom livro, muito claro, mas muito elementar; uma geodesia de José Candido Guillobel, livro confuso, massante como os de seu genero, mas que revela preparo por parte do auctor; dois compendios de hydrographia, um de Julio de Noronha, outro de von Hoonholtz, ambos resumidos e defficientes; um bom compendio de manobra de Eduardo Wandenkolk e uma util traducção feita por Custodio Mello sobre o torpedo Whitehead; taes são as publicações mais conhecidas de officiaes brasileiros, feitas de 70 a 89. As mais são simples manuaes, memórias historicas, sem commentarios ou analyses, registrando unicamente os factos, ou relatorios sobre viagens e commissões. E, a final, como adquirirão os nossos officiaes, por essa epocha, preparo sobre artilharia, torpedos, machinas? Na escola não lhes ensinavam; fóra da escola, onde? Nos navios obsoletos, nos arsenaes antigos? Sem exercicios? Sem mestres?

Não, os nossos officiaes não tinham então o preparo necessario á sua profissão. Creou-se, é verdade, um commando de torpedeiras; mas, que se fazia ahi? Lançavam-se de mez em mez, dois ou tres torpedos, para exercicio, e isso mesmo nem sempre.

Creou-se uma escola pratica de artilharia. Mas, que produziu ella? Que exercicios se fizeram? Nada produziu; nada se fez.

Só na divisão de evoluções de 1886, é que se faziam exercicios sobre mol-des modernos, mas, por pouco tempo.

Se passarmos agóra da classe dos officiaes da armada á classe dos machinistas, vemos o mesmo desleixo pela sua instrucção.

Caldeiras e machinas modificavam-se, aperfeiçoavam-se rapidamente. O vento, primeiro; depois, o braço, fôram substituidos pelo vapor; logo, a electricidade surgiu tambem. E que fez o governo para que não ficassem estranhos os progressos todos desse ramo, aos officiaes machinistas anti-gos e aos que vinham saíndo da escola.

Nessa escola, que fôra creada, tudo se ensinava menos a pratica das machinas a vapor. E que lentes seriam os seus, se entre os nacionaes não havia gente habilitada para exercer taes funcções e se não os contractaram no estrangeiro?

Um official que foi lente e director dessa escola, e passava por distincto, pretendeu dotar um dos navios construidos no decennio de 80 a 90 com uma machina de triplice expansão, tendo os tres cylindros as mesmas dimensões!

Fôram os machinistas navaes ou alguns dentre elles á Europa estudar os aperfeiçoamentos que, diariamente, eram introduzidos na sua profissão? Não.

Resultou dahi que, ao chegarmos a 1889, os nossos machinistas estavam aptos apenas para trabalharem com caldeiras e machinas que já se iam fazendo antigas; o que havia de moderno, alguns conheciam de leitura; a maior parte, nem isso! E como então não existiam na nossa marinha de guerra senão caldeiras e machinismos simples, eram todos bem conservados; dahi, dizer-se que na marinha de outr'óra não havia as avarias que hoje se dão nas machinas dos novos.

Sobre o preparo das nossas guarnições, dava-se o mesmo. Das Escolas de Aprendizes saíam praças, após 2 e 3 annos de curso, não sabendo nem assignar o seu nome, não conhecendo ao menos uma arma portatil. E o recrutamento violento suppria os claros no Corpo de Imperiaes Marinheiros, trazendo-lhe o capoeira relapso, o vagabundo facinora, como elemento relevante. O pessoal fornecido pelas escolas sobre ser, como já dissemos, ignorante, era pouco numeroso. Procurava-se sanar esse mal? Não; constatavam-no, exhibiam-no em cada relatorio; mas, quanto a applicar-lhe o remedio, nada!

Assim, pois: o material fluctuante deficiente em numero e em qualidade;

o pessoal do estado-maior sem preparo e sem preparo tambem as guarnições, era o Brazil uma potencia naval? Não.

Tinha, pelo menos, na America do Sul, a hegemonia que devera ter pela sua posição, pela sua riqueza, pelo seu futuro? Não.

Possuía, ao menos, uma organização militar que lhe permittise de momento adquirir elementos para reagir contra qualquer insulto? Não.

E, para fechar essa parte do nosso estudo, nossas fazemos as palavras do sr. Arthur Dias:

« Chegando a este ponto, não podemos reprimir a nossa censura aos governos criminosos que consentiram descambasse, depois de 1870 em diante, o nivel profissional da marinha; atrofiar-se o estimulo, pela pratica do favoritismo introduzido na administração, ao mesmo tempo que se desmantelava a frota e annullavam os elementos de recomposição e avitallamento da esquadra, deixando de se aperfeiçoar os arsenaes existentes, ou de substituil-os por outros ».

TONELERO.

PAGINAS ESQUECIDAS

EDUCAÇÃO PHYSICA

Ha dias, foi apresentado á Camara dos deputados, um projecto sobre a instituição da educação physica nas nossas escolas. Esse assumpto é largamente tratado num livro do sr. José Verissimo — *A educação nacional*, Pará, 1890. O projecto da Camara dá, pois, absoluta actualidade ás seguintes linhas que extraímos de um capitulo da obra do nosso preclaro collaborador:

Entre nós, quando se fala em educação physica, quasi se subentendem os exercicios gymnasticos e, principalmente, os chamados acrobaticos.

Não é esta a verdadeira e utilissima comprehensão dessa fórmula de educação que, não obstante preconizada desde Montaigne, Locke, J. J. Rousseau, Hufeland e Fröbel (1), apenas agóra começa a saír do dominio da especulação para a da pratica. Como deixa manifesto a citada passagem de Spencer, a educação physica não se limita apenas, como vulgarmente se supõe, aos exercicios physicos, mas abrange a hygiene, considerada esta, segundo a excellente definição de Littré e Robin, como o conjuncto de « regras a seguir na escolha dos meios convenientes para entreter a acção normal dos orgãos nas diversas edades, constituições, condições da vida e profissões » (2).

Como a educação espirital (intellectual e moral) tem por fim preparar um espirito culto e bom, assim á educação physica compete formar um corpo robusto e são, completando ambas o fim superior da educação, que é tornar o homem bom, instruido e forte.

A educação physica, pois, deve tomar o homem creança ainda, no berço e, através

da primeira e da segunda infancia, da adolescencia e da mocidade, leval-o á virilidade, que lhe cabe fazer rija e valente.

Racionalmente, essa educação couvria começar da vida intra-uterina, por uma cuidadosa hygiene da mãe durante o longo e melindroso periodo da gestação. Desde Hippocrates sabe-se que na « madre identifica-se a creança de tal fórma com a vida da mãe, que a saúde de uma faz a saúde da outra », e o notabilissimo especialista que cita este acertado conceito do profundo sabedor grego, ajunta « que não se poderia insistir demais sobre as fataes consequencias para a saúde da creança, das faltas de regimen e imprudencias das mães » (3).

O aleitamento, a ablactação ou desmamentamento, a primeira nutrição, o vestuario, para não esmiuçarmos outros elementos que notaveis theoreticos da educação fazem entrar nos seus systemas, como os mesmos objectos que cercam o infante, os sons que cumpre elle ouça, as côres que lhe devem ferir a retina, em summa todas as influencias do meio circumstante, exigem attenções especialissimas numa educação physica intelligentemente dirigida. Si na Europa cultissima estes ensinamentos de medicos e pedagogos não entraram ainda completamente na massa do publico, entre nós são siquer conhecidos, com gravissimo e incalculavel prejuizo, não só para o melhoramento da população como para o seu mesmo crescimento. Acredito que si houvessemos um serviço de estatistica bem organizado e digno de fé, espantaria a cifra dos obitos de creanças. E, como é sabido, as estatisticas europeas provam, a não deixar duvida, que a mortalidade das creanças depende consideravelmente da hygiene.

Nada obstante a meiguice e carinhulo da mãe brasileira — o que prova que mesmo as virtudes querem-se esclarecidas — a nossa educação infantil, physica como espirital, é inteiramente primitiva e empirica.

Os nossos filhos eram entregues aos cuidados das escravas, cujo leite quasi sempre eivado de vicios que mais tarde lhes comprometteriam a saúde, principalmente as alimentavam. Eram as mucamas escravas ou ex-escravas, — e isto basta para indicar o seu valor — que de facto dirigiam a sua primeira educação physica, pois eram ellas quem superentendia na alimentação, nos passeios, no vestuario e nos demais actos da vida infantil. Não era raro ver meninos de oito e mais annos, dormindo na mesma rêde que a mucama de seu serviço, que, em geral, extremamente amorosa e affeiçoada a elles, não sabia recusar-lhes nada nem mesmo aquillo que evidentemente lhes podia comprometter a saúde. O que tinham de enervantes semelhantes costumes, que, sem mentir, se não podem dizer fiudos, não escapará a ninguem.

Estes habitos exigem corrigidos, e modificados de accordo com os ensinamentos da hygiene e pedagogia infantil.

E' desde a primeira infancia que a educação physica, bem comprehendida, deve começar a sua obra de preparar gerações sãs e fortes.

Uma sociedade que se preza de civilisada

e a quem não são alheios os interesses das gerações que lhe hão de succeder e preparar o futuro da patria, não pôde, sem fallir aos seus deveres, postergar esse, talvez o mais caro de todos. Não lhe é dado tão pouco, para o desempenho intelligente desse encargo, ignorar qual a influencia que téem na educação physica dos primeiros annos, e quaes os cuidados que reclamam, as questões do vestuario, da alimentação, do arejamento dos quartos, da repartição das horas de refeição, de somno ou de briqueados, dos exercicios, das primeiras noções e dos primeiros estudos, e ainda das companhias e das coisas exteriores que cercam a creança.

E' desconsolador que todas estas graves e interessantes questões tenhamos de estudar-as em auctores estrangeiros, cujas doutrinas nem sempre se coadunem talvez ao nosso meio. Nesta parte da educação physica que incumbe á educação nacional, ao nosso corpo medico — onde, com justo desvauecimento diga-se, não escasseia o merecimento — cabe uma parte preeminente. A educação — physica, intellectual e moral — tem hoje por base a psychologia, não a psychologia do nosso obsoleto e como quer seja ridiculo ensino de philosophia, mas a psychologia scientifica, cuja base é a biologia e a physiologia. Sem duvida alguma, a psychologia da creança brasileira — como a do brasileiro — não é a mesma que a da creança franceza ou americana. São que farte as razões dessa differença, a ferrar-nos á obrigação de as pôr aqui. Entretanto, é aos sabios emestres daquellas nações que vamos nós beber todo o conhecimento da psychologia infantil que possamos ter. Aos nossos medicos, cujo concurso no ramo biologico a educação nacional reclama, cabe prover a esta penuria que ao mesmo tempo como que vicia entre nós o problema da educação.

Na educação physica, principalmente, é o seu concurso indispensavel, pois estou a crer que, dadas as nossas condições de clima e de raça, a nossa constituição, o nosso temperamento, a nossa idiosyncrasia, não téem absolutamente o mesmo valor os preceitos e os ensinamentos dos especialistas estrangeiros relativamente ao vestuario, á habitação, á alimentação ou aos exercicios de corpo. E' isto tanto mais relevante que, como ninguem ignora, a questão de temperamento e de idiosyncrasia é capital na educação physica. (4) Nem todos os exercicios convém a todos, já como qualidade, já como quantidade. A idade, o estado de saúde, o predomínio destes ou daquelles caracteres physicos, intellectuaes e moraes, merecem tomados em consideração nesta como nas demais fórmulas de educação. Importa, pois, e muitissimo, possuirmos trabalhos nossos, de observação original, *brazileira*, quer sobre a nossa propria physiologia e psychologia, quer sobre sua applicação á pedagogia nacional.

Propriamente é na segunda infancia que devem começar os exercicios de corpo, as boas caminhadas, as marchas, os diversos movimentos dos varios membros, a pé firme ou em movimento, as corridas, os saltos e, sobretudo, os jogos como a petéca, as bar-

ras, o quadrado, o salta-carneiro, a malha e toda uma collecção de jogos que nos faltam nacionalmente a nós, mas que podem e devem ser introduzidos nas nossas escolas, nos nossos collegios e — oh! candida illusão minha! — até nas academias e demais cursos superiores.

Isso, porém, ha de ser difficilimo, dado esse enfatuamento de se fingir de homem, que distingue o *academico* brasileiro, o maximo fante da indisciplina moral que tanto está prejudicando o paiz. Elle é litterato, poeta, discute os philosophos com uma grande erudição de catalogos, janota, *poseur*, discursador, namorado, abonecado, doutor desde segundo annista; — estaria abaixo delle, da sua dignidade, do seu character, entregar-se a exercicios de corpo, fazer gymnastica, correr, jogar a bóla, a malha ou o *cricket*. Como jogo, além do billar nas salas empestadas de tabaco e suor, aprazem-lhe apenas os de cartas ou o da *roleta*...

Quasi se pôde assegurar que si a direcção do nosso ensino quizesse, embóra mais officiosa que officialmente, levar esses rapazes á pratica dos exercicios physicos, a quasi totalidade delles seria resistentemente avessa á innovação. Arremedarão grotescamente todas as ruins novidades parizienses de exportação, macaquearão ridiculamente os caixeiros-viajantes inglezes, mas a sua vaidade infantil e o medo de exercicio, proprio á nossa molleza e indolencia, não lhes consentirá imitar intelligentemente as instituições e os costumes que nos cumpre adoptar, si nos importa o não abastardamento da nossa raça.

Não só nos collegios, mas nas universidades e academias inglezas, suissas, allemãs, americanas, e, muito recentemente, francezas, a educação physica, sob a fórma de gymnastica, dos jogos athleticos, de esgrima, de pedestrianismo, de canoagem, de equitação, é, quando não uma instituição official, um costume tão inveterado e tão respeitado, que quasi faz lei.

Na Inglaterra, cujo povo é, incontestavelmente, o mais forte, o mais energico, o mais viril dos deste fim de seculo, os exercicios physicos são, digamos assim, uma instituição nacional. As celeberrimas regatas entre as universidades de Oxford e Cambridge, occupam tanto a attenção desse povo grave entre todos, como a mais palpitante questão parlamentar sobre a sua politica exterior. Nos collegios universitarios, frequentados pela aristocracia ingleza e onde a despeza dos alumnos é em média de 3 a 4 contos por anno, como Eton, como Harrow, como Rugby, nove horas por semana são exclusivamente consagradas, em tres dias differentes, aos exercicios physicos. (5)

O *cricket*, o *foot-ball*, as regatas, as grandes marchas, as corridas a pé, quantidade de pequenos jogos collegiaes, a natação, a caça á rapoza, a equitação, o *lawntennis*, o *boxe*, amados, espalhados e praticados por toda a Inglaterra e colonias, são a grande escola da educação physica ingleza. Seus resultados ahi estão patentes.

A Suissa tem a gymnastica e os exerci-

cios militares que alli, desde a escola até á universidade, fazem de todo o cidadão um bom soldado. Possui ainda os *clubs alpinos* e as excursões alpinas, e as numerosissimas sociedades de tiro, além da *esgrima* e dos multiplices jogos a que se entrega em geral a mocidade europeá. As grandes festas federaes, que alli se fazem, de tiro, gymnastica, exercicios militares, recordam as grandes festas isthmicas da Grecia antiga. Tais solemnidades não são apenas manifestações de exercicios e vigor physicos, são mais, são verdadeiros meios de educação nacional, pelos sentimentos patrioticos que despertam e pela sensação moral que deixam da solidariedade dos mesmos esforços em commum feitos e das mesmas palmas ganhas.

« A Allemanha, diz, fundado em auctoridades valiosissimas, o sr. Ruy Barbosa, consagra á educação physica um culto que se confunde quasi com o patriotismo ». (6) A gymnastica é alli appellidada, conforme Miguel Bréal, citado pelo mesmo sr. Ruy Barbosa, uma *arte nacional*. Em uma conferencia feita na Associação dos medicos militares allemães, o celebre physiologista Du Bois Reymond, professor na Universidade de Berlim, affirmava que o exercicio merece um logar na ordem do dia da sciencia, e, analysando tres systemas de exercicio, a gymnastica allemã (*sic*), a gymnastica sueca e os exercicios athleticos inglezes, assevera que « a gymnastica allemã, com a sua sabia mistura de theoria e pratica, fornece a mais favoravel solução, quicá a solução definitiva, do tão importante problema que desde Rousseau occupa a pedagogia ». (7) Isto só deixa ver a importancia que na cultissima Allemanha dão, como principal elemento de educação physica, á gymnastica, intelligentemente cultivada, e por sabios illustres regulada nos seus methodos e estudada nos seus effeitos. A' gymnastica juntam-se os exercicios militares, os jogos e, nas universidades, a esgrima, praticada como uma tradição de honra e de coragem. O serviço militar obrigatorio, trabalhoso, duro e sempre activo, completa esta educação.

Os Estados-Unidos conservam tradicionalmente os velhos jogos inglezes. Demais, a gymnastica, sob a fórma e nome especial de exercicios callisthenicos, entrou desde muito no systema geral da educação publica.

Organizando, após a catastrophe, a educação nacional, não esqueceram a França esta feição fundamental della. A gymnastica, acaso por demais systematicamente organizada, e depois os exercicios militares, entraram obrigatoriamente no ensino official primario e secundario. Por 1888, uma reacção, provocada principalmente pelos estudos sobre a educação physica na Inglaterra, de Paschal Grousset (Phillipe Daryl) primeiro publicados no *Temps* e depois em volume (8) contra o systema francez e a favor do inglez, desafiou um movimento a favor dos jogos. Desse movimento nasceu a Liga da Educação Physica, que, encontrando a maior sympathia e auxilio do governo, de

todas as administrações, da Universidade e da população, conseguim, sem prejuizo da gymnastica, introduzir nas escolas, collegios e lycens, o uso dos jogos athleticos, assim inglezes como velhos jogos francezes restaurados. (9) Um jornal especial da Liga não só infórma do seu movimento e progresso, como publica constantemente conselhos de hygiene, preceitos sobre a educação physica e noticias de jogos, com explicações circumstanciadas e praticas das suas regras e meios.

Em todas as demais nações onde o espirito publico não dorme, sinão que vela continuamente pelos interesses da patria, tem a educação physica merecido particular interesse. Na Suecia, na Belgica, na Hollanda, na Austria e na Italia faz parte dos programmas escolares.

Em todos os paizes civilizados, medicos, physiologistas, higienistas, pedagogistas multiplicam em livros, em revistas e nos mesmos jornaes diarios, conselhos, prescripções, alvitres ou direcções sobre todos os diversos aspectos que pôde apresentar o interessante problema da educação physica.

Entre nós, tudo, infelizmente, está por fazer. Existe, é certo, em alguns programmas officiaes sob a exclusiva fórma da gymnastica, mas, ou seja porque esses programmas em geral se não executam sinão em minima parte, ou seja porque os professores tambem a não aprenderam e menos a estimam, é essa determinação lettra morta. Acresce o julgarmos que gymnastica são os exercicios acrobaticos, o que, de todo o ponto, falsêa a idéa pedagogica desse ensino.

Precisamos, neste ponto como em tantos outros, reagir.

Cumpramos entrar a educação physica na nossa educação, nos nossos costumes.

Devemos, entretanto, comprehender-a largamente, scientificamente. Penetrar-nos de que ella se não limita á gymnastica, cujo valor, como foi de passagem indicado, é muito relativo.

Cuidemos da hygiene particular e individual, apenas entre nós conhecida, mas de nenhuma fórma praticada. Introduzamos nas nossas escolas, nos nossos collegios e outros estabelecimentos de instrucção primaria e secundaria, a gymnastica, principalmente aquella que dispensa apparelhos, os exercicios callisthenicos, as corridas, as marchas, os saltos e os jogos estrangeiros, pois não temos proprios, que melhor se adaptem ao nosso clima, ao nosso meio. Que em cada cidade as municipalidades preparem pequenos ou grandes prados em parte arborizados, em parte grammados, onde os alumnos dos estabelecimentos publicos e particulares, vão, conduzidos pelos mestres, em dias determinados, entregar-se a exercicios de corpo e aos salutaes prazeres dos jogos athleticos. Creemos na nossa mocidade, tão fraca, tão estiolada por uma piégas litteratice precoce, isso que um escriptor francez, tratando estes assumptos, chama *materia de enthusiasmo*. (10) Incitemos nella esses ardores da lucta physica, a

ver si lhe geramos o enthusiasmo que lhe falta nas luctas intellectuaes e moraes. Quantos pedagogistas e physiologistas téem estudado estas questões, são accordes em reconhecer a influencia poderosa da educação physica sobre a intelligencia, sobre o caracter, sobre a moral. E a pedagogia scientifica, sciencia — si tal nome lhe cabe — ainda em via de formação e onde tantas são as questões controversas, é unanime neste ponto.

Suscitemos nas nossas academias o gosto por esses exercicios. Todas ellas se acham em cidades onde a canoagem, sob o aspecto higienico um dos mais completos exercicios que se possam fazer, facilmente poderia ser praticada. Mas não sómente o exercicio de remar, porém as grandes marchas a pé, a esgrima, os jogos como o *cricket*, a malha, a pélla, certo não desdourariam os nossos jovens doutores. Os que remam nas regatas de Oxford e Cambridge pôdem ler á primeira vista uma pagina de Homero ou de Demosthenes, um capitulo de Tacito ou uma comedia de Plauto, e discutiriam, com grande lucidez e solida noticia dos textos, uma questão de direito romano ou patrio. E não ha quem não saiba que uma das glorias de que se desvanece o velho Gladstone, o famoso *cricketer* do Eton, é de, ainda septuagenario, poder derrubar um carvalho a machadadas. Tem oitenta annos e dirige na Inglaterra, com a actividade e o ardor de um rapaz, a mais bella, a mais generosa, porém a mais ardua e difficil campanha politica deste fim de seculo. Exemplos destes, alli, encheriam uma pagina, e os homens mais altamente collocados nesse paiz tão essencialmente hierarchico, cujos nomes figuram nos velhos registros universitarios como *cricketers*, ou *boxers*, de primeira força, como chefes no *foot-ball* ou vencedores nas famosas regatas, téem como uma honra apreciavel presidir os *clubs* athleticos, os seus *meetings* e as suas luctas nos varios campos em que, em determinados periodos, se reune a mocidade ingleza em prazo dado de emulação, de força, de vigor e de coragem. E não é amplificação dizer que a Inglaterra acompanha estes incidentes com um grande interesse nunca enfraquecido. Os mais graves jornaes, como o *Times*, occupam-se longamente dessas celebres partidas, com quasi o mesmo interesse com que tratam as questões da politica européa. Não nos admiramos, pois, que esse povo vá conquistando o mundo; sobeja-lhe para isso, força, energia e audacia.

Em se tratando destes exercicios no Brazil, a nossa indolencia nacional acode com a contrariedade do clima, que se não presta a elles, que os não consente, que os torna impossiveis.

Taes objecções são sem valia alguma, não só deante da physiologia, como da pratica. Si, como o demonstra aquella sciencia, os exercicios physicos são um revigorador das energias physicas e portanto da saúde, é justamente em os climas enervadores e debilitantes como o nosso, que convém mediante elles reagir contra a acção do meio physico. Segundo o physiologia francez

Lagrange, a medida physiologica dos exercicios corporaes é o affrontamento (*essoufflement*) no seu terceiro periodo ou *asphixico*. (11) Sendo assim, já temos no Brazil um criterio seguro na pratica desses exercicios. Visto o clima, o cansaço nos chegará a nós primeiro e com menor somma de força despendida, que em clima mais fresco ou frio; mas como a maior ou menor intensidade de fadiga depende tambem do preparo (*entraînement*) e do habito do exercicio, essa perturbação na funcção dos orgãos respiratorios pôde ser pouco e pouco recuada. Demais, aos nossos physiologistas compete o estudo minucioso desta questão no ponto de vista brasileiro, para determinarmos com certeza quaes os exercicios que melhor nos convém, como o tempo a empregar nelles, a hygiene que reclamam. Afóra esta parte scientifica da questão, a pratica prova a favor da sua adaptação. Si os exercicios physicos não fôssem aqui possiveis, o trabalho physico, como a lavoira, não o seria tambem. Um viajante inglez, que estudou demoradamente a Amazonia, referindo-se á habitabilidade desta região pelo europeu e a possibilidade delle nella se occupar, julga que o problema se resolveria pela simples modificação das horas de trabalho; o europeu que lá trabalha doze podia limitar-se aqui a trahar seis: tres de manhã, tres a tarde. (12) Tal indicação do celebre emulo de Darwin, tem, certo, excellente applicação nesta controversia da praticabilidade e conveniencia dos exercicios physicos entre nós.

Ha, porém, argumento acaso mais forte e poderoso. Na Australia, cujo clima é seguramente mais quente e peor que o nosso, esses exercicios são correntemente praticados. Sabem todos que periodicamente o *Cricket Club* australiano envia campeões seus á mãe patria a disputar aos *cricketers* inglezes as victorias dos celebres *matches*.

Derrubada assim a especiosa objecção, urge cuidarmos seriamente de introduzir no nosso systema geral de educação a educação physica, e nas nossas escolas, nos nossos collegios, nas nossas academias, nos nossos costumes enfim, os exercicios de corpo, todos esses exercicios que os inglezes conhecem sob o nome colectivo de *sport*.

A educação physica no Brazil é, em todo o rigor da expressão, um problema nacional.

Nossa raça, sentem-no todos, se enfraquece e abastarda sob a influencia de um clima deprimente peorada pela falta de hygiene, pela carencia de exercicio, pela privação da actividade. Uma propaganda, que não quero, como o sr. Sylvio Roméro, chamar anti-patriotica, mas que certo não viu o interesse do Brazil sinão por um lado, attraiu e localisou em determinadas regiões do paiz uma immigração, forte pelo numero e pelo vigor, e que melhor valera disseminada por elle todo. Essa propaganda continúa e, certo, continuará a affluir, e em maior numero, a immigração, principalmente allemã e italiana.

A lucta entre essa gente, incomparavelmente mais forte, e nós, não pôde ser duvidosa. O campo de combate será primeiramente o das actividades physicas, aquelle

que exige maior somma de robustez, de força e de saúde, o commercio, a industria, os officios, a lavoura.

E', portanto, indispensavel preparar-nos para, sem recorrer a meios que não consente a nossa civilização, não nos deixarmos abater e esbulhar, afim de que esta terra que nossos antepassados crearam e civilisaram, e cuja futura grandeza prepararam, seja principalmente nossa.

JOSÉ VERISSIMO.

(1) *Veja-se em* FONSAGRIVES, « *Eutretiens sur l'hygiène* », Pariz, 1881, pag. 130 e seg., a discussão dos systemas desses philosophos.

(2) « *Dictionnaire de Medicine* », Pariz, 1873 *verbum hygiène*.

(3) E. BOUCHUT, « *Hygiène de la première enfance* » Pariz, 1885, pag. 6.

(4) *Veja-se* DOUTOR F. LAGRANGE, « *Physiologie des exercices du corps* »; Pariz 1888.

(5) V. PHILIPPE DARYL, « *Renaissance physique* », Paris 1888, e R. Bonghi, « *Istruzione secondaria in Inghilterra* », in « *Nuova Antologia* » vol. XVI.

(6) *Obra cit.*, pag. 127.

(7) « *L'Exercice, Revue Scientifique* », Pariz, tom. XXIX, pag. 108.

(8) « *Renaissance Physique* », Pariz, 1888.

(9) *Ver este movimento em* « *L'Éducation Physique* », « *Bulletin de la Ligue Nationale de l'Éducation Physique* », Pariz, Rue Vivienne, 51.

(10) P. DE COUBERTIN, « *L'Éducation Physique* », in *Revue Scientifique*, tom. XLIII, pag. 141.

(11) *Obra cit.*, pag. 65, seg.

(12) ALFRED WALLACE « *Narrative of travels on the Amazon and Rio Negro* », London, 1853, pag. 80.

O ALMIRANTE (50)

ROMANCE POR DOMINGOS OLYMPIO

CAPITULO XIX

O barão de Freixo distendeu todo o seu largo thorax num amplo suspiro de allivio, quando morreu a velha. Fez-se um sumptuoso enterro e nada poupou para que todos se persuadissem de que havia soffrido uma perda irreparavel. Mas estava intimamente satisfeito porque a fatalidade se incumbira de vir ao encontro do seu maior anhelo, cortando o poderoso laço que lhe prendia a esposa ao passado.

Desde então, a baroneza, extenuada pela immensa magua, se abandonou á torrente e deixou-se arrastar, sem resistencia, num somno delicioso, cercada de amigas, muito mais perigosas do que o toxico da lisonja masculina, amigas que lhe desvendavam segredos tenebrosos, que lhe ensinavam requintes de elegancia, as manobras graciosas que são o mais poderoso elemento de prestigio das divas consagradas pelo culto do grande mundo depravado.

Ella não tivéra educação aprimorada, frequentára, apenas, uma escola

publica para aprender a ler e a escrever; mas possuía, como todas as mulheres, em notavel desenvolvimento, as faculdades de dissimulação sobrecitadas pela constante revolta contra as modestas condições em que a sorte a collocára, em constante lucta contra o inexoravel assedio da miseria, uuma ancia impossivel de aspirações absurdas, de desejos insaciados, que as desillusões excitavam. O unico meio de saír dessa terrivel situação seria explorar os seus encantos, que zelava, cuidadosamente, como um thezoiro, e realçava com meticuloso carinho, aranjando com arte os seus pobres vestidos, remendando-os com paciencia de maneira a figurarem como novos nas festas religiosas, nas partidas de uma sociedade recreativa, onde ella occupava logar de honra entre as mais formosas.

O barão de Freixo, numa excursão pela pittoresca montanha para explorar, como director de uma companhia, um difficil trecho de estrada de ferro, abrigou-se com os companheiros sob a copada folhagem de uma mangueira fronteira á casa da bella moça. Tostado de calor e ralado de sede, elle bateu á porta da casinha. Apareceu-lhe a velha, que lhe mandou servir agua pela filha, ainda mais fascinadora no traje domestico, desataviada de artificios. O barão tomou-lhe o cópo das bellissimas mãos brancas, e fitou nella os olhos parados num espasmo de admiração, o rosto incendido por uma violenta onda de sangue.

— A menina mora aqui — perguntou elle.

— Sim, senhor. Com minha mãe.

— De que vivem.

— Cozemos para fóra.

— Não devem ganhar muito.

— Para comer mal, como pobres...

— Coitadinhos.

A moça baixou os olhos, e corou como se a envergonhasse a lastima daquelle desconhecido rico, a julgar pelo grande diamante que lhe scintillava num dedo, pela grande medallha com monogramma cravejado de pedras preciosas a pender-lhe da corrente do relógio.

Depois de alguns minutos de observação, o barão proseguiu:

— Sabe que me inspira muita sympathia?

— E' bondade de v. ex.—respondeu ella, com um sorriso, toda enleada.

— Bondade não; diga, antes, justiça. E' uma pena viver uma menina, como a senhora, ignorada nesta breuha, porque isto é um pedaço de matto bravo quasi dentro da cidade.

— E vivo aqui desde que nasci—concluiu ella, com um suspiro.

O barão despediu-se, animando-lhe paternalmente as mãos admiraveis e partiu com os companheiros. Mas, desde esse dia, passou elle, sob pretexto

de cuidar de sua estrada de ferro, a frequentar aquelle sitio, atacando-lhe uma incontinente vontade de beber quando se achava defronte da casinha. As relações se estreitaram, graças ás prodigalidades de fornecimentos de generos, de presentes com que elle pretendia recompensar a hospitalidade daquelle pobre gente. Com aquelle homem viera a fartura, e elle era tão bom, tão meigo, tão franco, que a velha não lhe suspeitou jámais inclinações que não fôsse nobres expansões de um coração caridoso. Um dia, elle as convidou para acompanhal-o ao theatro. A mãe accitou desvanecida, mas a rapariga recusou formalmente. De outra vez, lhes propoz jantarem nas Paineiras, num domingo canicular. Ella quiz recusar de novo, mas a mãe lhe objectou que não ficaria bem desattender uma pessôa a quem deviam tantas obrigações. De resto, que mal poderia resultar de um passeio, de uma coisa tão natural, em companhia de uma pessôa tão respeitavel. No trajecto para aquelle admiravel sitio, o barão sentiu-se profundamente perturbado pela proximidade da formosa rapariga, cujo corpo se chocava ao delle ás ondulações do wagon. Elle se sentiu invadido, dominado, ao contacto daquelle fascinadora moça que se figurava inexpugnavel, tão correctas, tão castas eram as suas maneiras, tão fechada ás tentativas de galanteria, ás vezes brutaes, com que elle a assaltára. Quando chegaram ao hotel, o barão estava taciturno, preocupado, como sempre lhe acontecia quando o accommettia uma idéa, um projecto.

— Sabe em que vim pensando?—disse elle á velha, em meio do jantar—Subindo a montanha, vim pensando que nós estamos tallados para sermos muito amigos.

— Nós somos, com effeito, muito amigas de v. ex.—confirmou a velha, com um sorriso—Devemos-lhe tantos obsequios.

— Eu sou só no mundo; sou um homem rico, mas não vivo contente com a minha sorte. As senhoras tambem não vivem satisfeitas com a sua situação. Eu tenho o que lhes falta; as senhoras possuem com que fazerem a minha felicidade: reunamos isso e sejamos felizes.

— O senhor está gracejando connosco.

— Nunca falei tão serio na minha vida.

— Mas, como faremos essa reunião?—E' muito simples. A senhora dá-me a mão de sua filha.

A velha estremeceu de pasmo e a filha estacou, commovida.

— E' muito simples—repetiu o barão, envolvendo a moça num olhar abrazado.

— Depende della, senhor barão. Se ella quizer...

—Porque não ha de querer. Vamos, responde Yayá.

A moça hesitou, concentrou-se alguns momentos e, com um gesto resolutivo, estendeu a mão ao barão de Freixo.

A marquezia de Uberaba repetia a Marianinha os episodios da paixão e do casamento do barão, conforme lhe vinha á memoria, sem uexo, sem observar a chronologia desse pequeno romance burguez, começado em Santa Thereza, á sombra de uma verdejante mangueira e terminado num sumptuoso palacete. Ella se comprazia em prolongar a narrativa para se distraír do espectáculo da baroneza doente e para tomar tempo, attenuar a impaciencia com que aguardava a hora da visita dos conspiradores.

Depois continuou a narrativa da vida intima do casal, como a menina pobre se transformára, como se adaptára, facilmente, ás maneiras elegantes, e dominára, completamente, o marido. Repetiu todas as pequenas historias da maledicencia, aventuras da baroneza que, de simples namoros toleraveis numa mulher alliada a um homem muito mais velho do que ella, fôram lentamente assumindo proporções de escandalo que a collocaram em plena evidencia na alta vida fluminense. A calunnia augmentava enormemente os factos, dava-lhes envenenada interpretação, mas havia, no fundo dessa obra da protervia, algo de verdadeiro: a calunnia não se inventa totalmente, assim como o crime nunca se pôde occultar completamente. Della se evolvem emanações que excitam a suspeita e aguçam o alfato da maledicencia. No juizo da marquezia, ella poderia ser culpada de maneiras censuraveis; não-tinha, porém, convicção das faltas que lhe imputavam. As aventuras da baroneza poderiam ser como a sua paixão pelo Oscar platonicas, caprichos de mulher formosa, fortes impressões dos seus nervos combatidos, caprichos passageiros, sem consequencias.

(Continúa)

REMINISCENCIAS DE CAMPANHA

Do Mocoretá ao Passo da Patria — Aspectos — As enfermidades abriam mais claros que a metralha paraguaya.

Desde a Concordia ao Mocoretá parecia que o pampeiro da destruição tinha varrido para bem longe todos os vestigios da civilisação ainda rudimentar daquellas paragens. Tudo era deserto e a payzagem desolada. Nem uma casa habitada, nem tapéra vasia que ao menos nos dissesse que outra gente alli vivia. De longe em longe, raramente, como balisa solitaria apparecia no horisonte, o perfil, desmaiado pela

distancia, de um pé de ombú, a arvore amiga do gaúcho, a cuja sombra elle sésteia nos dias quentes do verão e o abriga da chuva, que corta nas noitadas frias do inverno. De vez em quando, passavamos perto de moitas de «inhanduvás,» espinhosos e rijos, que dão ao filho do deserto a lenha que o aquece e os esteios do pobre rancho, onde canta os seus *tristes* ao som da guitarra que geme e chora com a sua alma romanesca. Dão-lhe tambem os *palanques*, moirões eternos, em que ata o nobre parreheiro de *grande alçada*, amigo querido e inseparavel companheiro de triumphos nas *canchas*, nas *arrancadas* da *novilhada* nos *rodeios* e quando os guerreiros baralham nas cargas e chocam-se impetuosos. Uma faixa de matto rarefeito orlava as margens do Mocoretá, que não tinha muita largura alli; mas o nosso trem de pontes, a carga do batalhão de engenheiros, era insufficiente para a construcção de uma que fôsse de riba a riba. Lançou-se um cabo de vae-vem e quem não podia cruzar a nado, passou em balsas construidas sobre pontões de borracha. Melhor provido andava, ha mais de dois mil annos, o exercito de Alexandre Magno, quando passou o Amoo-Darja em ponte sobre barcas de couro das tendas dos seus soldados e o Indus em uma de bateis, que foi depois desarmada e transportada, sem falta de uma peça, em carros tirados pelos elephantes do rei Taxilo até á margem direita do Chenab, onde Porus o esperava da outra banda, no Penjab.

No Rio Grande do Sul os rios são obstaculos de pouca monta para os valentes filhos daquella terra. Nem o proprio Uruguay é barreira que levem em conta. Atravessam-no a nado pelos numerosos passos seus conhecidos; e quando ha viveres ou objectos que não devam ser molhados, servem-se de *pelotas*, pequenas canôas de couro, as quaes os soldados de Cyro o Menor tambem utilisaram para a passagem do largo Euphrates, conforme refere, em sua Anabase, Xenofonte.

Acima do ponto onde o cabo de vae-vem funcionava, havia um passo bastante correntoso. Por elle passou o meu regimento. Foi um dia de impressões festivas para mim. Quando um *bahiano* se mette a querer ser gaúcho, não ha ninguem que lhe tome a deanteira. O imitador porfia sempre por ir além do original, copiando, ás vezes, mais os defeitos do que as grandes qualidades. De calças arregaçadas até aos joelhos e os cothurnos presos aos tentos da garupa, entrei no arroio de margens resvaladiças e muito revoltado pela gente que o atravessava, de envolta cam a cavallhada. Tinha as pernas encolhidas á altura das abas do lombilho. De repente, senti o reiúno afundar-se e saír adeante bufando, de

canilhos inchados, offegante, com as narinas dilatadas e a cabeça levantada. Affrouxei as redeas, que tinha na mão esquerda, que segurava as clinas: prolonguei-me do lado de laçare bracejando com a direita nadava tambem, para alliviar a carga. O nado foi curto e quando o cavallo pôz os pés em terra, eu já o cavalgava, molhado e satisfeito. Do outro lado do passo, estava o velho Mallet, tambem sem botas, fumando o cigarro de palha, forte de tanto sarro, erecto no seu grande cavallo escuro, como um daquelles formidaveis guerreiros gaulezes, que levaram o terror á Roma antiga, quando os gansos fôram melhores sentinellas do que os legionarios que dormiam no Capitolio.

A agua era muito fria e dava-me uma sensação de bem estar indefinivel. Aquelles compatriotas, aquella matta rarefeita de páus retorcidos, aquella gente que passava contente das suas fadigas pela patria. Tudo parecia partilhar da minha alegria. O meu cavallo adelgado estava mais vivo e ligeiro e eu preso aos arreios molhados já me imaginava tão bom ginete como aquelles meus camaradas rio-grandenses, que não téem superiores nem nos Beduinos do Hedjaz nem nos Zaporogas da Ukraina.

Muitos delles haviam substituido as calças por chiripas; outros não as tinham, e alguns, por atavismo, estavam até sem camisa, com *cueios* transformados em folhas de videira. Nenhum dos *Bois de botas*, porém, deixava de ter em volte do pescoço—o *pescocinho de sóla*, que o nosso commandante nunca dispensava. Para o grande velho, como para outros bons chefes daquela epocha, a *gravata de couro* era essencial do uniforme militar; era a peça substancial que dava ao soldado, garbo e tom marcial, aprumando-o com mais altivez e fazendo-o olhar de cabeça levantada aos regulamentares vinte passos de distancia.

Armámos as nossas tendas do outro lado do rio, já em territorios de Corrientes. A jusante do ponto, por onde o cruzámos, o Mocoretá tinha uma ponte em máo estado que serviu para as forças argentinas. Actualmente, é atravessado pela estrada de ferro de Concordia a Monte-Caseros, onde a linha se bifurca para a cidade de Corrientes penetrando pelo interior da provincia e margeando o Uruguay, até Santo Thomé, que fica cerca de noventa kilometros além de Itaquy, estação terminal da linha brasileira. Em 1901, quando por alli passei com minha familia, que quiz trocar o bem estar e as commodidades da capital da Republica pela vida bastante dura e cheia de privações da fronteira, para estar mais perto de mim, mostrei á esposa e aos filhos aquelles logares de tantas recordações da minha mocidade

e dos quaes ainda hoje escrevo com saudades.

As nossas marchas eram curtas. Não percorriamos mais de quatro leguas por dia. Ao principio, via-se acompanhando o exercito uma longa cauda de retardatarios. Uns, quebrantados de cansaço; outros, combalidos e macerados pelas enfermidades, que abriram nas nossas fileiras mais claros do que a metralha paraguaya. Quantas vezes ouviamos os chascos de cavalleiros galhofeiros, que passavam a trote e offereciam *reboque*, mostrando a ponta da redea ou a cauda do cavallo aos infantes estropiados, que mal podiam caminhar. Grande parte era de soldados bisonhos, e os que não eram, nunca fizeram exercicios de marchas de resistencia.

Em compensação, quando os cavallos cansavam e os zombeteiros de vespera passavam tropeços com os arreios emmallados ás costas, os infantes vingavam-se, lamentando-lhes a desventura e dizendo-lhes em tom de burla:

— Trepa aqui na moxila, camarada.

Alguns dias depois estacionavamos nas immedições de Curuzú-Quatiá, *pueblo* então, e hoje cidade florescente. Não tive curiosidade de lá ir. O aspecto das casas não convidava.

Por esse tempo, já estava prestes a retirada para alto o Paraná, a fim de recolher ao seu territorio, a columna Paraguay, que tinha invadido Corrientes com perto de 30.000 homens sob o commando de Robles, submettido a conselho de guerra, e voltava commandada pelo general Resquim, muito diminuida no seu effectivo, pelas enfermidades e pelas deserções, mais do que pelos combates, que não passavam de ligeiras escaramuças, á excepção da retomada da cidade de Corrientes no dia 25 de maio, que custou ao inimigo apenas uns quatrocentos e tantos homens entre mortos, feridos, presioneiros e extraviados.

O seu regresso começou em Empedrado, *pueblo* distante de Curuzú-Quatiá umas 40 leguas brasileiras. Iamos avançando lentamente. As marchas cada dia se tornavam mais penosas pelo numero de doentes que augmentavam, pelos campos que se transformavam em immensos pantanaes e pelos arroios que se faziam rios caudalosos. As cataractas do céu abriam-se; a chuva caía impiedosa, fazendo mais peçadas as cargas e deteriorando os nossos viveres. Foi uma temporada difficil e aspera. Naquelles campos, levemente ondulados, não era facil achar muitas eminencias para acampar todo o exercito. Ao meu regimento, apesar de ser de artilharia, fôram mais de uma vez designadas pelo quartel-general, baixadas para armarmos as nossas tendas. Acontecia que, depois de aguaceiros formidaveis, as aguas

cresciam, formavam-se enxurradas que enchiam as valletas das nossas barracas, galgavam as pequenas trincheiras das terras excavadas e molhando as caronas e os pellegos das nossas camas estendidas no chão, despertavam-nos de um somno reparador e confortativo, povoado de sonhos alegres. Quando era muito pezado e as aguas não subiam muito, continuavamos a dormir. Do contrario, emmallavamos ás pressas os arreios e continuavamos coxilando e até dormindo e roncando sentados sobre elles, com os pés dentro d'agua, até tocar alvorada. Tantas vezes repetiram-se estas scenas, que não deixavam de ser pittorescas apesar de incommodas, que os soldados, já bastante adeantada a campanha, deduziram uma regra de castametação, que, si não tinha o caracter scientifico de generalidade, era ao menos muito original. Para os soldados do regimento, o acampamento para ser bom devia satisfazer a tres condições:

— *Uma casa para o sr. marquez;*

— *Um laranjal para o sr. general Osorio;*

— *Um banhado para a artilharia.*

O bom humor que, afortunadamente, nunca faltou ao nosso bom e rude *tarimbeiro*, ainda nos mais duros trauses, amenisava os rigores da vida naquellas terras distantes, longe de tudo que elle mais amava no mundo, desde a casinha onde nasceu, até á familia, que a enchia de suspiros, ralada de saudade.

DIONYSIO CERQUEIRA.

(Continúa)

XADREZ

3º TORNEIO DO CLUB DOS DIARIOS

Desde que se annunciou este torneio, a sala de xadrez do Club começou a ser mais frequentada. Experimentavam-se forças e faziam-se pequenas escaramuças. A inscrição ficou encerrada a 23, apresentando-se ao torneio os seguintes concurrentes: Alvaro de Andrade, Annibal da Costa Pereira, R. S. Quayle, Augusto Silva, Armando Burlamaqui, Frota Pessoa, dr. Godofredo Cunha, Libanio Lamenha Lins, Raul Werneck de Castro, dr. Vicente de Ouro Preto, dr. Theophilo Torres, dr. Henrique Costa, dr. William B. Hentz, Heitor Bastos, Q. Bocuva Junior e Eduardo Tito de Sá. No dia 26, começou o torneio. Por exigencias da publicação desta revista, as nossas noticias só alcançarão até ao domingo inclusive, de sorte que só no proximo numero poderemos adeantar alguma coisa sobre o movimento da lucta.

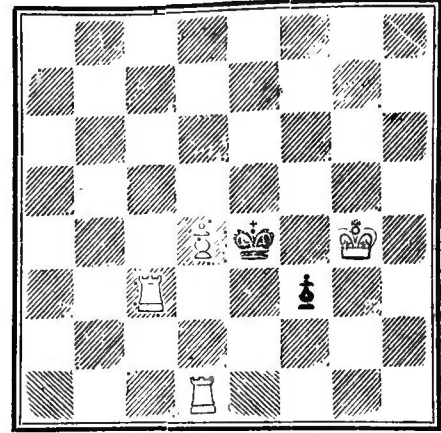
Fez-se uma pequena modificação no horario: as partidas realisar-se-ão das 8 ás 11 horas da noite, não havendo jogo durante o dia. Isto dá um aspecto mais solemne ao torneio.

A commissão fiscalisadora é composta dos srs. conde de Figueiredo, dr. Caldas Vianna e commendador Arthur Napoleão.

PROBLEMA N. 20

A. W. Galitzky

PRETAS (2)



BRANCAS (4)

Mate em tres lances.

PARTIDA N.º 20

GAMBITO EVANS

Branças	Pretas
(Henrique Costa)	(Theophilo Torres)
P 4 R	— 1 — P 4 R
C 3 B R	— 2 — C 3 B D
B 4 B	— 3 — B 4 B
P 4 C D	— 4 — B X P
P 3 B D	— 5 — B 4 B
P 4 D	— 6 — P X P
Roque	— 7 — P 3 D
P X P	— 8 — B 3 C
C 3 B (a)	— 9 — C 4 T D
B 5 C R	— 10 — D 2 D
D 3 D	— 11 — C X B
D X C	— 12 — P 3 B D
T D 1 D	— 13 — C 2 R
T R 1 R (b)	— 14 — Roque
P 5 D	— 15 — C 3 C R
P 5 R	— 16 — P X P R
C X P	— 17 — C X C
T X C	— 18 — B 2 B D
T 7 R	— 19 — D 3 D
P 3 C R (c)	— 20 — B 1 D
C 4 R	— 21 — D 3 C R
T 5 R	— 22 — P X P
D X P	— 23 — B 3 R
D X P C D	— 24 — B 3 C D
C 5 B D	— 25 — D 7 B D
T 1 B D	— 26 — D X P T
B 3 R	— 27 — T D 1 B D
R 1 T	— 28 — T 2 B D
D 4 R	— 29 — T R 1 B D
T 5 T R	— 30 — P 4 B R! (d)
D X B x	— 31 — D X D
C X D	— 32 — T X T x
B X T	— 33 — T X B x
R 2 C	— 34 — P 3 C R
T 4 T	— 35 — T 7 B D
T 4 B R	— 36 — T 7 R
C 4 D	— 37 — T 5 R
T X T	— 38 — P X T
C 6 R	— 39 — P 6 R
P X P	— 40 — B X P
R 3 B	— 41 — B 3 C D
abandonam	— 42 —

(a) Parece que seria muito melhor D 3 C, seguido de P 5 R.

(b) Este e o lance anterior feitos com o fito de apoiar os piões do centro, são morosos e pouco efficazes.

(c) Se 20 — P 4 B R, P 3 T R, etc.

(d) Este lance é decisivo e assegura promptamente a victoria das pretas.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N. 19 (A. Fraissé):
1 — D 8 T D, *ad libitum*; 2 — D, C, P, mate.

JOSÉ GETULIO.